



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - GEA**

**O OCASO EM BRASÍLIA: UMA PERSPECTIVA SOBRE O FENÔMENO DAS RUÍNAS  
URBANAS NO SETOR DE DIVERSÕES SUL**

**Gustavo Pereira Martins**  
**Orientadora: Gloria Maria Vargas**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - GEA**

**O OCASO EM BRASÍLIA: UMA PERSPECTIVA SOBRE O FENÔMENO DAS RUÍNAS  
URBANAS NO SETOR DE DIVERSÕES SUL**

**Gustavo Pereira Martins**  
**Orientadora: Glória Maria Vargas**

**Monografia apresentada ao Departamento de  
Geografia, como requisito parcial à obtenção  
do grau de Bacharel em Geografia, sob a  
orientação da professora doutora Glória  
Maria Vargas.**

**Brasília, Julho de 2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - GEA**

**Gustavo Pereira Martins**

**O OCASO EM BRASÍLIA: UMA PERSPECTIVA SOBRE O FENÔMENO DAS RUÍNAS  
URBANAS NO SETOR DE DIVERSÕES SUL**

**Monografia apresentada ao Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas  
da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em  
Geografia.**

**Aprovado por: \_\_\_\_\_**

**Professora orientadora: Glória Maria Vargas**

**Aprovado por: \_\_\_\_\_**

**Professora examinadora: Carolina Guimarães Starling de Souza**

**Aprovado por: \_\_\_\_\_**

**Professora examinadora: Geruza Aline Erig**

**Brasília, 13 de Julho de 2023**

## AGRADECIMENTOS

Durante toda a minha graduação na Universidade de Brasília eu tive a oportunidade de conhecer e conviver com muitas pessoas das quais me orgulho de um dia ter compartilhado conversas, experiências, conhecimentos e visões de mundo, mesmo que essas relações pouco tenham durado ou se um laço forte existe até hoje. Várias vezes eu duvidei das minhas capacidades, me questionei se este era o meu lugar, qual caminho eu deveria seguir e o quanto valia a pena ou não todo o esforço empreendido. Foram tempos desafiadores, principalmente após o início da pandemia de Covid-19. Neste período de tempo eu vivi com a ansiedade, o medo e as incertezas do futuro, perdi e reconquistei a confiança em mim e nas minhas habilidades, resgatei e avancei na minha antiga e esquecida paixão pela música, estabeleci e consolidei grandes amizades, descobrir novas aptidões e me conheci como jamais antes.

Meus agradecimentos vão a todos aqueles que de alguma forma contribuíram e viveram comigo essa etapa de enorme amadurecimento. Em especial, gostaria de agradecer a minha família, pelo apoio incondicional, ao meu irmão Leonardo, por acompanhar todos esse processo doloroso, mas recompensador, à Professora Gloria, por acreditar no meu potencial e, com esmero, acreditar também no potencial de um trabalho discutido e não realizado por tantos semestres, à toda equipe do Coletivo Hangover, que durante esse período me acolheu como membro e amigo, e à minha grande amiga Victória, que me deu todo suporte, estrutura e incentivo nas últimas semanas desta jornada. Por fim, agradeço também aos queridos frequentadores do Conic por, de muito bom grado, me presentearam com um pouco do seu tempo para responder meu questionário e me contar um pouco de suas histórias neste icônico e singular espaço que é o Conic.

A sabedoria vai além do que podemos ouvir.

**Sêneca**

## RESUMO

O presente trabalho aborda a geograficidade dos frequentadores do Setor de Diversões Sul, também conhecido como Conic, em duas perspectivas distintas: daqueles que o visitam durante o dia e daqueles que o visitam durante a noite. Para melhor compreender o tipo de relação que se estabelece com o espaço para estes dois grupos, conceitos como geograficidade, topofilia, topofobia e um debate aberto sobre ruínas urbanas, espaços abandonados e ressignificação espacial através de eventos culturais foram articulados. Orientados dentro da abordagem humanista e da fenomenologia inerente ao conceito de geograficidade, as bases metodológicas foram fundamentadas em pesquisas de campo contemplando visitas diurnas e noturnas e análise qualitativa de dados levantados via questionário aplicado aos frequentadores dos dois turnos. Concluiu-se que o Conic, apesar de sua vocação como centro cultural, durante anos teve sua função baseada na atividade comercial e que, através de medidas e estratégias de revitalização e a realização de atividades culturais trouxeram uma nova ambiência e proposta de uso viabilizaram transformações na percepção do espaço e também da sua função.

**Palavras-chave:** Geograficidade, Conic, ruínas urbanas, topofilia, topofobia.

## **ABSTRACT**

This study addresses the geographicity of visitors to the Setor de Diversões Sul, also known as Conic, from two distinct perspectives: those who visit during the day and those who visit at night. In order to better understand the types of relationships established with the space by these two groups, concepts such as geographicity, topophilia, topophobia, and an open debate on urban ruins, abandoned spaces, and spatial redefinition through cultural events were articulated. Guided by a humanistic approach and the phenomenology inherent in the concept of geographicity, the methodological foundations were based on field research encompassing both daytime and nighttime visits, as well as qualitative analysis of data collected through a questionnaire administered to visitors from both periods. It was concluded that the Conic, despite its vocation as a cultural center, for years had its function based on commercial activity and that, through strategies of revitalization and the realization of cultural activities, brought a new ambience and proposal of use, enabled transformations in the perception of space and also its function.

**Keywords:** Geographicity, Conic, urban ruins, Topophilia, Topophobia, cultural events.

## ÍNDICE

<b>1. Introdução.....</b>	<b>2</b>
1.1. Objeto.....	3
1.2. Perguntas orientadoras.....	4
1.3. Objetivos gerais.....	4
1.4. Objetivos particulares.....	4
1.5. Hipótese.....	5
<b>2. Justificativa.....</b>	<b>5</b>
<b>3. Referencial teórico.....</b>	<b>6</b>
3.1. Da ruína antiga à ruínas urbana.....	7
3.2. O valor da ruína.....	9
3.3. Geograficidade.....	12
3.4. Topofilia.....	17
3.5. Topofobia.....	19
3.6. Aspectos da materialidade.....	20
3.6.1.A concepção da ideia de Brasília.....	21
3.6.2.O Setor de Diversões Sul.....	23
<b>4. Aspectos metodológicos.....</b>	<b>28</b>
4.1. Pesquisa de campo.....	31
4.1.1. O espaço da ruína.....	31
4.1.2. Primeira visita exploratória.....	33
4.1.3. Segunda visita exploratória.....	36
4.1.4. Levantamento das atividades culturais do SDS.....	38
4.1.4.1. Espaço Galleria.....	39
4.1.4.2. Sub Dulcina.....	43
4.1.4.3. Biroasca e Chicão.....	46
4.2. Análise dos dados.....	49
4.2.1. Sobre os dados pessoais.....	50
4.2.2. Sobre geograficidade, materialidade e subjetividade.....	57
<b>5. Considerações finais.....</b>	<b>63</b>
<b>6. Bibliografia.....</b>	<b>65</b>
<b>7. Anexos.....</b>	<b>69</b>



## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Interior do Gashouder, clube noturno em Amsterdam instalado numa antiga usina de gás natural.....	11
Figura 2 - Relação uso-função-ambiência.....	16
Figura 3 - Setor de Diversões Sul e Norte.....	24
Figura 4 - Linha do tempo do Conic.....	25
Figura 5 - Conjunto Nacional.....	27
Figura 6 - Estrutura da "Praça do Pentágono", na Praça Roosevelt, em São Paulo, Brasil.....	32
Figura 7 - Praça dos Aposentados.....	33
Figura 8 - Lojas fechadas no Conic.....	34
Figura 9 - Obras interditas.....	35
Figura 10 - Corredor vazio entre obra e lojas fechadas no Conic.....	36
Figura 11 - Locais de evento no Conic.....	38
Figura 12 - Entrada Espaço Galleria.....	39
Figura 13 - Interior do Espaço Galleria.....	40
Figura 14 - Festa "Jardim do Grave #2" no Espaço Galleria.....	42
Figura 15 - Estacionamento e entrada do Sub Dulcina.....	43
Figura 16 - Grafite no Sub Dulcina escrito "Dulcina vive".....	44
Figura 17 - Interior do Sub Dulcina.....	45
Figura 18 - Evento "Dot Sessions" acontecendo no estúdio Dot Magazine.....	45
Figura 19 - Eventos No Sub Dulcina.....	46
Figura 20 - Entrada da Biroasca.....	47
Figura 21 - Pista da Biroasca vazia e ocupada.....	48
Figura 22 - Chicão.....	49

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação por propósito da presença no Conic e gênero (Dia).....	50
Tabela 2 - Classificação por propósito da presença no Conic e gênero (Noite).....	51
Tabela 3 - Grupos etários.....	51
Tabela 4 - Nível de escolaridade por grupo do dia e da noite.....	52
Tabela 5 - Classificação por local de moradia e propósito da presença no Conic (dia)....	53

<b>Tabela 6 - Classificação por local de moradia e propósito da presença no Conic (Noite).....</b>	<b>54</b>
<b>Tabela 7 - Classificação por propósito da presença e meio de transporte (noite).....</b>	<b>55</b>
<b>Tabela 8 - Frequência semanal maior que 3 dias entre aqueles que trabalham no Conic considerando dia e noite.....</b>	<b>55</b>
<b>Tabela 9 - Frequência mensal dos que não trabalham (dia e noite).....</b>	<b>56</b>
<b>Tabela 10 - Questão 9 - Qualidade da experiência em relação por gênero (dia).....</b>	<b>57</b>
<b>Tabela 11 - Questão 9 - Qualidade da experiência em relação a identidade de gênero (noite).....</b>	<b>58</b>
<b>Tabela 12 - Questão 10: O que você mais gosta no SDS por período (dia e noite).....</b>	<b>59</b>
<b>Tabela 13 - Questão 11: O que você menos gosta no Conic por período (dia e noite).....</b>	<b>61</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A relação entre os seres humanos e o meio que os cerca é um tema fundamental para compreender a maneira como o ser humano relaciona-se e interage com o ambiente. Através dessa interação, o Homem molda e é moldado pelo espaço ao seu redor, influenciando e sendo influenciado por ele. O modo como ocorre essa interação pode proporcionar sentimentos bons e ruins, imprimindo em cada um uma percepção deste espaço. A vivência dos lugares, como um aspecto individual e particular, fornecerá para cada indivíduo, após cada experiência, um sentimento que enrijece ou enfraquece a relação do mesmo para com os lugares, atrelando à materialidade os símbolos e à sua memória os significados. Essa relação entre o indivíduo e o espaço é conhecida como geofricidade e ela pode exprimir interações boas e ruins.

Ao longo da história, a relação do ser humano com o ambiente passou por transformações significativas. Desde as antigas civilizações, a construção de cidades e a formação de espaços que serviam como centros de atividades, encontros e desenvolvimento social. No entanto, com o passar do tempo, alguns desses espaços foram abandonados ou caíram em ruínas, resultando em paisagens marcadas pela deterioração e pela ausência humana.

As ruínas apresentam-se como testemunhas silenciosas de uma história passada, contendo em si vestígios do que um dia foram espaços vibrantes e habitados. Esses locais desgastados pelo tempo e pelo abandono revelam uma nova faceta da relação homem-meio, uma vez que o ser humano se depara com a presença do passado em contraste com o presente. Ao adentrar uma ruína, o indivíduo é confrontado com uma atmosfera única, na qual o tempo parece suspenso e as paredes ecoam memórias de uma vivacidade perdida. A relação entre o ser humano e o espaço abandonado se estabelece em um diálogo entre a presença e a ausência, entre o passado e o presente. Nesse cenário, é possível reconectar-se com a história, despertando um senso de nostalgia, curiosidade e reflexão.

Mesmo na idade moderna, as ruínas continuam a surgir, mas agora elas são produzidas. As guerras, recessões econômicas e mudanças sociais e políticas passam a proporcionar o surgimento dessas estruturas entremeio as cidades. No entanto, a estas estruturas modernas a visão que se tem pode diferir por uma razão singular: as ruínas urbanas não perderam do tempo implacável, da adversidade, da calamidade, mas foram vencidas pelo próprio ser humano.

O simbolismo associado às ruínas urbanas marginalizadas é diferente em valor e representa um aspecto negativo da experiência humana na terra. Desta forma, a materialidade

da ruína nos centros urbanos está vinculada à memória negativa, e se torna palco da crítica, da raiva, da insatisfação. Mas ainda que ela se encontre abandonada, ela ainda pode ter uso e cumprir uma função, ela terá um significado e um potencial de ressignificação. Nesse contexto, a atuação humana e as marcas materiais e imateriais impressas nas edificações abandonadas diversificam as possibilidades de suas trajetórias incertas. Essa reflexão implica que o modo como se enxerga o lugar abandonado é passível de transformação e o que hoje é abandonado futuramente pode não ser mais.

Ao compreender a complexidade dessa relação, pode-se ampliar a visão sobre o ambiente construído, valorizando não apenas os espaços em plena funcionalidade, mas também aqueles que se encontram em estado de abandono e ruína. A preservação, a reutilização e o resgate desses espaços assumem um novo significado, permitindo que a relação homem-meio transcenda as barreiras do tempo e da decadência, ressignificando tanto o espaço quanto o próprio ser humano.

Valendo-se dessas considerações, no tópico **1.1**, será apresentado e desenvolvido o objeto desta pesquisa.

## **1.1 OBJETO**

No decorrer das últimas 4 décadas, Brasília vem atravessando uma trajetória singular quanto a um dos pontos centrais da cidade e o tipo de relação que o mesmo disponibiliza às pessoas que o ocupam. O Setor de Diversões Sul (SDS), inaugurado em 1966, viveu momentos discrepantes, desde o brilhantismo e protagonismo absoluto, até a aversão e marginalização. No decorrer deste trabalho, o Setor de Diversões Sul será também identificado pela sua sigla (SDS) e pelo seu nome popular, Conic, que surgiu em razão da construtora responsável pela construção dos primeiros prédios da área.

O processo em que isso ocorreu não é simples e nem aconteceu de forma abrupta, mas se deu por meio de um conjunto de fatores que antecedem até mesmo a sua construção. A visão ambiciosa de Lúcio Costa, o desafio de manter-se comercialmente relevante diante da concorrência desleal dos *shopping centers*, o distanciamento das instituições e órgãos responsáveis pela administração do espaço e o abandono à própria sorte transformaram, ainda na transição das décadas de 1970 para 1980, a experiência e a paisagem do Conic de forma profunda.

A visão que se estabeleceu nos anos seguintes pouco tem a ver com sua vocação, ainda mais ao se considerar sua posição geográfica privilegiada, com acesso fácil para receber

visitantes de todo o DF. Se a experiência durante o dia, com uma altíssima circulação de pessoas na sua fachada já é tida como ruim, a noite se demonstra quase inóspita, habitando a cidade como uma experiência ainda mais perigosa.

A trajetória dura do SDS até os tempos recentes só não se manteve a mesma pela atuação primordial da cultura, que embrenhou-se entre seu subsolo e seus corredores para resgatar o potencial do espaço através da produção de eventos noturnos. As festas hoje movimentam o centro da capital, se utilizando da localização geográfica favorável e de estratégias de ressignificação espacial, transformando, na mesma proporção, o significado e a materialidade do lugar e a qualidade da experiência de quem frequenta seus eventos.

Desta forma, o objeto do presente estudo é constituído pela materialidade expressa pelo aspecto arruinado do SDS e de que maneiras sua estrutura física é percebida e vivenciada pelos frequentadores do espaço a depender o horário em que o visitam.

## **1.2 PERGUNTAS ORIENTADORAS**

Como o uso do espaço Setor de Diversões Sul (SDS) transforma o seu significado e portanto, a sua função?

## **1.3 OBJETIVOS GERAIS**

- Compreender e analisar como a mudança na função do espaço geográfico do Setor de Diversões Sul (SDS) modifica seus significados;
- Explorar as ações que foram tomadas como ferramentas de transformação simbólica dos espaços em questão.

## **1.4 OBJETIVOS PARTICULARES**

- Fazer um levantamento do histórico do local, visando reconhecer os processos que produziram e transformaram sua estrutura física e a compreensão sobre o mesmo;
- Identificar os significados que permeiam a transformação do lugar no presente;
- Apresentar os eventos, projetos e atividades desenvolvidas no local citado.

## 1.5 HIPÓTESE

A caminhada rumo à arquitetura abandonada das estruturas do Conic expressam, através de sua materialidade, traços topofóbicos. Ainda que a experiência no Conic seja, há muito tempo, dada como negativa, a prática cultural vem resgatando este espaço, oportunizando uma nova percepção do mesmo para os frequentadores do local, principalmente à noite.

No seguinte trabalho, a hipótese é que a função do Setor de Diversões Sul se altera do dia para a noite e que essa variação se dá por meio de um novo modo de uso do espaço, que aplica uma nova ambiência, mais receptiva e pensada na experiência do frequentador.

Através da prática cultural, mudanças de percepção e de valor da experiência nas dependências do Conic estão acontecendo, compondo uma relação direta entre uso-função-ambiência. Espera-se ao fim desta pesquisa corroborar a hipótese de que as transformações pelas quais o Conic passou viabilizaram novas formas de uso do espaço e, assim, proporcionaram meios para uma nova percepção do espaço e cumprimento de sua função primordial como centro cultural e de lazer no Distrito Federal.

## 2. JUSTIFICATIVA

Fundado em 1966, a ocupação do Setor de Diversões Sul atravessou momentos de efervescência cultural e política, dificuldades financeiras, perdas no volume de ocupação e arruinamento conforme órgãos e instituições responsáveis foram virando as costas para o legado de Lúcio Costa. A vocação do SDS, criado para ser o pilar da cultura e da modernidade no Brasil, aos poucos desvanece diante do descaso das autoridades locais e a competição desleal materializada pela inauguração do Shopping Conjunto Nacional.

O Conic não atingiu o seu potencial, mas seu destino já estaria determinado pela localização privilegiada, que lhe atribuiu características de um local a ser visto, sempre observado e vivido pela população que lá transita. A densidade populacional que varia drasticamente do dia pra noite juntamente com o descaso das autoridades locais e uma arquitetura que dificulta o policiamento viabilizou a ocorrência de atividades que realçam percepções negativas sobre o espaço, o que prejudica a caminhada do SDS a um ponto de maior protagonismo em sua trajetória.

Ainda que tomado por uma imagem negativa, entende-se que, assim como o Conic desviou-se do caminho ao qual foi projetado, existem uma infinidade de rumos sobre os quais

os lugares ainda podem atingir novos significados. O espaço geográfico é mutável, passível de adaptação e transformação, e seu futuro é norteado através das formas que a relação Homem-meio acontecem.

Este trabalho abrirá um novo horizonte para os estudos sobre espaços abandonados, subutilizados e marginalizados, visando ampliar a análise do fenômeno de ressignificação espacial por meio da prática cultural inclusiva em Brasília. Pelas diversas facetas envolvidas neste processo, este trabalho vai ser útil para que outros estudos, em inúmeras áreas do conhecimento, sejam desenvolvidos.

Levando-se em consideração o contexto econômico atual, com significativos gargalos no que tange o setor turístico, por exemplo, expandir a compreensão sobre espaços disfuncionais e sobre a aplicação das ferramentas de articulação cultural-econômica oferecem grandes oportunidades para que uma cidade alcance mais desenvolvimento ao elaborar políticas que promovam integração entre zonas abandonadas e estruturas urbanas funcionais, alimentando uma agenda turística mais rica e inclusiva. Os resultados esperados da implementação adequada destas ferramentas envolvem maior articulação urbana, cultural e econômica e mais perspectivas de acesso à cidade enquanto estrutura que serve a população que lá reside.

Além do mais, o cunho urbanístico e social inerente a esta pesquisa contribuirá para uma percepção diferenciada de outros espaços excluídos, em condições similares à dos espaços em análise neste trabalho ou talvez em estados mais precários, elucidando o potencial para a ressignificação e retomada de seu uso a partir da cultura como estratégia de ocupação e (re)formulação da identidade do lugar.

João Almino afirma que “Poucas cidades do mundo têm uma carga simbólica tão forte. Não importa que a realidade negue ou venha a negar o que a idéia de Brasília representa ou representou ao longo dos tempos. Mitos não se destroem facilmente; sobrevivem à própria realidade material” (ALMINO, 2007, p. 300).

### **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

Ao refletir acerca das funções que são designadas aos diversos fragmentos do espaço urbano de seus respectivos usos no decorrer do tempo, é possível identificarmos símbolos e significados que compõem o conjunto de valores de um lugar. A natureza da experiência individual e coletiva estão fortemente ligadas ao conjunto de valores representados fisicamente no lugar e, no contexto das paisagens do abandono em Brasília, visto como

espaço desamparado e no caminho da ruína, a materialidade passa a representar para os frequentadores deste espaço aspectos negativos e a iminência de uma experiência negativa.

Entretanto, nos últimos anos, o valor da experiência em vários desses espaços vêm sendo alterado, alterando também seus significados, de modo a ressignificar a vivência de maneira positiva. A atuação de instituições para revalorizar o espaço, seja por meio de revitalizações ou por meio de atividades integradoras para a comunidade ao seu entorno trouxeram mudanças na percepção do espaço para os frequentadores.

A mudança na forma como se vive e se enxerga estes signos e símbolos, por sua vez, estão fundamentadas num conjunto de práticas culturais. No geral, trabalham-se manifestações artísticas diversas como as artes plásticas, circenses, performáticas e musical, espelhando-se sobretudo na realidade de outros espaços que atravessaram o mesmo fenômeno de obsolescência ou simples abandono das estruturas urbanas.

Esse *background* introduz uma série de conceitos e contextos que precisam ser desenvolvidos propriamente para uma análise mais clara e precisa da realidade do nosso objeto de estudo. Para tanto, este capítulo será segmentado nas seguintes parcelas para estruturar o alicerce teórico do estudo sobre as paisagens renunciadas e reclamadas: (1) Da ruína antiga à ruína urbana; (2) O valor da ruína; (3) Geograficidade; (4) Topofilia e (5) Topofobia.

### **3.1 DA RUÍNA ANTIGA À RUÍNA URBANA**

Foi sempre natural que a palavra ruína, quando citada, trouxesse à memória a imagem de alguma sociedade que deixou como legado apenas estruturas que sobreviveram às intempéries da natureza no transpassar do tempo, sendo assim prova de sua existência e, a depender da dimensão e extensão destas formas, também de sua grandiosidade.

Apesar de ser uma conexão simples e comum, ela também remete ao passado longínquo destas estruturas, provenientes de culturas e civilizações seculares e milenares. Esta percepção, por sua vez, ressalta não só a implacabilidade do tempo, mas a fragilidade dos agrupamentos humanos que, não importa o quão imponentes, poderosos e influentes sejam, podem ser, facilmente, varridos do mapa através da guerra, das pragas e das catástrofes. Permanecem apenas as ruínas como resquício da civilização que um dia ocupou aquele espaço.

As ruínas dos impérios Asteca, Maia e Inca são grandes exemplos desta realidade em que civilizações avançadas encontraram trágico fim após contato com exploradores espanhóis.



Para além da guerra e violência dos colonizadores, o contato entre estes grupos humanos distintos trouxe também a ameaça dos germes. No artigo *Salmonella enterica genomes from victims of a major sixteenth-century epidemic in Mexico* liderado pelos pesquisadores alemães Ashild Vagene e Alexander Herbig (2018), afirma-se que dentre as várias epidemias que poderiam ter assolado a civilização asteca, teria sido a febre tifóide a responsável por tirar a vida de 80% da população (cerca de 15 milhões de pessoas) entre 1545 e 1550.

Outro exemplo do surgimento de ruínas se encontra na antiga cidade romana de Pompeia, cidade localizada a 23km de Nápoles, no sul da Itália. Conhecida como uma cidade de aristocratas, Pompeia foi atingida pelos detritos da erupção do monte Vesúvio no ano 79 a.C. e foi redescoberta apenas no fim do século XVI. Segundo Mary Beard (2016) em seu livro Pompeia, a deposição e a acumulação dos detritos de fluxo piroclástico, compostos por gases tóxicos e cinzas vulcânicas em altas temperatura e fragmentos sólidos de pedra-pomes, tirou a vida de todos que não conseguiram fugir a tempo, soterrando e preservando toda a cidade no decorrer dos próximos 1500 anos, quando ela já havia se tornado lenda e foi então redescoberta. As estimativas não são tão precisas quanto se gostaria, mas de acordo com Beard (2016), as aproximações entre as mais diversas fontes são de cerca de 6,4 mil a 30 mil pessoas, sendo que até os dias em que seu livro foi escrito, as escavações haviam descoberto aproximadamente 1100 habitantes que não conseguiram escapar desta catástrofe.

Vale ressaltar ainda as construções que se tornaram ruínas pelo simples abandono e perda de sua função original. Edificações imponentes como o coliseu de Roma e o Templo de Partenon com o tempo foram largadas ao léu em razão de mudanças sociais, políticas e religiosas que ocorreram com o passar do tempo. Templos religiosos deixam de ser habitados e visitados com a passagem da população de uma fé para outra e importantes cidades perdem relevância comercial com o estabelecimento de novas rotas, inevitavelmente, provocando fluxos migratórios e o abandono de estruturas e obras arquitetônicas, desse momento em diante sujeitas às forças e o ímpeto transformador da natureza, que imprime e aplica no trabalho humano a pátina do tempo.

Até então, as ruínas eram apenas representações físicas do conflito entre as edificações construídas pelo homem e o ímpeto da natureza no sentido de deteriorar e decompor tais estruturas no decorrer dos séculos (MARTÍ, 2017) e, sendo assim, as ruínas eram um elemento dado pelo meio, proposto por si só pela sua presença no espaço. No entanto, esse fenômeno destrutivo-criativo veio também a se manifestar nos grandes centros urbanos na idade moderna e proporcionou o surgimento de espaços ociosos e deturpados de suas funções e significados iniciais, a que se deu o nome de ruínas urbanas.

O abandono destes espaços se deu tanto pelo comprometimento das estruturas por impactos e explosões, a exemplo dos bombardeios em capitais europeias durante a Segunda Guerra Mundial, como pela desvalorização do espaço a partir de processos de cunho político-econômico. Este último ponto é exemplificado na dissertação de mestrado *Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo* desenvolvida por Rafael Faleiros de Pádua (2007), onde o autor trabalha a questão da desvalorização espacial ante o processo de desindustrialização e a passagem da hegemonia do capital imobiliário para a do capital financeiro na cidade de São Paulo, criando espaços segregados e, com o tempo, arruinados.

Segundo Pádua (2007), a transição da economia paulista do período de vertiginoso desenvolvimento industrial entre 1945 e 1970 para uma desindustrialização nos anos seguintes evidencia uma série de fragmentações causadas pela tentativa de reestruturação produtiva neoliberal. Para Bruyelle a desindustrialização representa:

“em primeira aproximação, como recuo ou a desapareção do fato industrial em um espaço dado. Este recuo se manifesta de diversas maneiras que têm, cada uma, significações diferentes. Ele pode se manifestar em termos de empregos, em termo de diminuição da produção ou do valor da produção, em termos de redução do número de estabelecimentos industriais podendo ir até a desapareção total.”(apud. PÁDUA, 2007, p. 30).

É natural que, através dessa breve contextualização, surjam reflexões acerca do modo como se interpreta e que valor se atribui para edificações deterioradas atualmente, assim como que tipo de uso se dá para a ruína hoje ao redor do mundo. Estes serão temas que serão desenvolvidos a seguir.

### **3.2 O VALOR DA RUÍNA**

Essa interação entre a obra humana e a ação natural é muito discutida e trabalhada entre inúmeros teóricos da Geografia, Sociologia, História e Arquitetura, mas, anteriormente a essas discussões, o conceito de ruína já era resgatado pelo romantismo gótico do século XVIII. O pitoresco e o sublime nesse período são adjetivos diretamente ligados ao legado arquitetônico medieval europeu como uma “associação estética e cultural vinculada à apreciação da natureza” e “percepção constante da finitude do homem e da decadência da civilização”, (MENEGUELLO, 2013, p. 1) respectivamente.

Georg Simmel (1958) em seu texto *“Two essays: the handle and the ruin”* corrobora a afirmação da autora, abordando o caráter físico e subjetivo que dão forma a estética da ruína:

“A ruína de uma edificação, entretanto, significa que onde a obra de arte está desaparecendo, outras forças e formas, aquelas da natureza, surgiram; e que para além do que de arte ainda vive na ruína e o que de natureza já vive nela, emergiu um novo papel, uma unidade característica” (SIMMEL, 1958, p.380, tradução nossa)

Ainda que a ruína em si se trate de um aspecto físico, arquitetônico, Cristina Meneguello ressalta que a subjetividade que permeia a ruína no período romântico está envolta em vários outros valores.

Os historiadores românticos conceberam seus temas como impregnados de tais valores: o medievalismo, a imaginação, o culto às emoções fortes, o subjetivismo, o fascínio pela natureza, pela mitologia e pelo folclore, além de certo exotismo. O revival gótico afigura-se assim, compreendido como medievalismo, mais do que uma expressão arquitetônica, pois percorre o campo da religião, das artes plásticas, da literatura e do conhecimento histórico. (MENEGUELLO, 2003, p.2)

Certamente, no decorrer da história, as ruínas foram vistas de várias formas, mas sempre foram encobertas pelo mistério, a curiosidade, o fascínio e o medo. Esse sentimento romantizado, de admiração e deslumbre é justamente o que define o termo “Ruinenlust”, o qual Silas Martí elucida em sua dissertação como “ter prazer com ruínas” (MARTÍ, 2017, p.6).

Em contraponto às ruínas antigas, que são produto dos desastres naturais e da atuação do intemperismo, as ruínas urbanas estão inseridas num contexto que se destaca pelo fracasso em permanecer relevante em sua função, seja pela destruição intencional do ser humano ou pela alteração da dinâmica e ordem social, política ou econômica, ambas causando abandono e degradação das estruturas em questão e criando novas interpretações sobre sua existência.

Grande exemplo deste processo, a cidade de Detroit, como citada por Martí (2017), sofreu grandes impactos com o processo de desindustrialização. O abandono progressivo de terrenos dentro da zona urbana, a alta taxa de desemprego e o aumento da quantidade de pessoas em situação de rua fizeram destes espaços verdadeiras paisagens arruinadas, lugares propícios para a transgressão, manifestações artísticas como o grafite e a prática do hedonismo, a simples busca do prazer pelo prazer, fatos que compõem a crítica à lógica fragmentadora do capital financeiro/imobiliário.

É necessário salientar que essa não é uma realidade exclusiva das edificações, como *bunkers* ou prédios industriais abandonados, mas que ocorre também em becos, vielas e praças públicas, uma vez que estes seriam trechos da via de deslocamento casa-trabalho que deixa de existir. O enfraquecimento das relações econômicas locais têm forte influência no uso do solo e na circulação, podendo vir a produzir espaços isolados e arruinados, que se tornam verdadeiros palcos para a exposição desvelada dos desmazelos das instituições, exibindo a sujeira e a deterioração através de intervenções em tom crítico e carregadas de simbolismo, expondo a marginalização do espaço e ainda assim as oportunidades que ainda existem para lugares com tão negativa conotação. A transformação do espaço em ruína através da aplicação de simbolismos por aqueles que vivem seu processo de abandono marca a atual fase na qual se entende as ruínas urbanas, a chamada “Ruin Porn” (MARTÍ, 2017).

**Figura 1 - Interior do Gashouder, clube noturno em Amsterdam instalado numa antiga usina de gás natural**



**Fonte: Resident Advisor<sup>1</sup>**

Na perspectiva da Ruin Porn, diversos locais ao redor do globo, antes arruinados, dispararam como símbolos do processo de ressignificação de estruturas abandonadas. Lisa Uhlendorff (2021) em matéria para a Alataj, revista de música eletrônica de Santa Catarina,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://ra.co/clubs/3154>> Acesso em: 27 jun. 2023

traz diversos exemplo de espaços que atravessaram o abandono e arruinamento e, por meio da cultura da música eletrônica foram ressignificados, a exemplo de casas de festas como a Gashouder (Figura 1), antiga usina de gás natural abandonada na Holanda, Printworks, antiga gráfica que encerrou as atividades com a mudança da empresa para outro prédio na Inglaterra, e da Arca, fábrica metalúrgica abandonada em meados dos anos 2000 no Brasil.

Ao sobrepor os conceitos *Ruinenlust* e *Ruin Porn* pode-se inferir que ambos refletem formas diferentes de se vivenciar uma estrutura em ruínas, sendo a primeira marcada pela admiração e fascínio e a outra pelo escárnio e crítica. Ainda que sejam características destoantes, todas essas definições abrem caminho para compreender a natureza da experiência nestes locais abandonados através da subjetividade dos sujeitos e, desta forma, se faz necessário discutir conceitos como geograficidade, topofilia e topofobia.

### 3.3 GEOGRAFICIDADE

Na finalidade de enquadrar um pouco do caminho histórico até as bibliografias mais relevantes acerca do aspecto emocional da relação homem-meio, faz-se necessário uma contextualização da Geografia Positivista, abordagem que surgiu no final do século XIX e se desenvolveu ao longo do século XX, valorizando a aplicação de métodos científicos e quantitativos na análise do espaço geográfico. Essa abordagem enfatiza a coleta de dados objetivos, a mensuração e a análise estatística, buscando identificar padrões e regularidades nas relações espaciais através de técnicas como modelagem matemática, estatística, cartografia temática e sistemas de informação geográfica para investigar e representar fenômenos geográficos.

Em oposição ao enfoque dessa geografia técnica, a fenomenologia surge como método mais apropriado para assimilar os fenômenos no seu sentido mais cotidiano devido ao seu caráter exploratório. Apesar de não receber o devido destaque na época, Éric Dardel é talvez o primeiro a trazer esse tipo de abordagem para a ciência geográfica. Contrariando o método científico vigente na Geografia, Dardel lançou em 1952 o livro *L'homme et la Terre: nature de la réalité géographique*.

A obra do autor francês, segundo Dal Gallo e Marandola Jr. (2015), não se destaca apenas pela abordagem inovadora na compreensão da Geografia e na reconstrução de sua história além das instituições. Ela introduz, acima de tudo, uma nova proposição científica - uma ciência existencial, buscando fundamentos para essa abordagem na filosofia de Martin Heidegger.

Heidegger concebe a Terra como o fundo a partir do qual o mundo se revela, um fundo misterioso para o ser humano, mas que se manifesta como um espaço habitável. Por outro lado, o mundo se concretiza através da condição de ser-no-mundo do ser humano, em um horizonte aberto à compreensão humana. Ambas essas concepções heideggerianas são adotadas por Dardel como base para orientar seu pensamento, tanto na relação entre o ser humano e a terra, como na compreensão da Geografia como um fundamento ontológico da experiência geográfica e da própria existência (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015).

Esse trecho da obra de Dardel no artigo de Lawrence Mayer Malanski ilustra de forma lírica a visão de geograficidade segundo Dardel:

“Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma ‘geograficidade’ (géographicité) do Homem como modo de sua existência e de seu destino.” (DARDEL, 2011, p. 1 apud MALANSKI, 2015, p.4).

Experiência, percepção, cultura, observação, vivência, símbolos e signos entre outros termos ainda a serem abordados como identidade e pertencimento, todo esse vocabulário nos convida a reconhecer a relação do homem com o meio ambiente através das lentes da subjetividade. Tudo que é captado por estas lentes pode e provavelmente será interpretado dentro de uma perspectiva particular da realidade. O conjunto de sensações que um indivíduo tem ao compartilhar sua existência com os lugares em que habita e transita todos os dias é o vetor de compreensão da realidade mais primitiva e fundamental da humanidade.

Compreender como diferentes sociedades experimentavam e interagiam com seu entorno, dentro de suas vilas, aldeias, rios, montanhas e paisagens naturais, em diferentes contextos e épocas, é de grande importância. Isso nos permite entender como essas sociedades percebiam e se relacionavam com o espaço ao seu redor, como construíam a experiência geográfica por meio de uma profunda conexão com a natureza e como despertavam a consciência geográfica como base fundamental de sua própria existência. Esse esforço contribui diretamente para a compreensão do cerne da ciência geográfica, que se trata da relação entre sociedade e natureza, entre o ser humano e a terra. No entendimento da geograficidade como relação concreta e subjetiva Homem-meio, David Emanuel Madeira Davim (2016) expõe a crítica dardeliana à geografia moderna e ressalta as categorias de lugar e paisagem no contexto da Geografia fenomenológica e existencial:

“Essa Geografia poética, ou geograficidade, se faz, a princípio, um modo de ser e, conseqüentemente, um modo fenomenológico e hermenêutico de se conhecer a realidade. No campo do saber ela se configura não só como um enfrentamento aos limites impostos pela ciência moderna, mas também como um resgate aos alicerces de uma Geografia existencial [...]. Uma Geografia que tem o lugar como base e fundamento para o desdobrar de uma contigüidade circunstancial e existencial que a paisagem estabelece entre homem e terra. Uma geografia que enxerga na paisagem um horizonte e um impulso de possibilidades para a fundação de mundos caracterizados por espaços únicos e diferenciados.”(DAVIM, 2016, p.250).

Através das considerações acerca da geograficidade de Dardel e sobre a mudança de valor dado à ruína, no capítulo anterior, confrontam-se duas formas de viver o espaço arruinado em duas épocas diferentes. O fenômeno de viver a ruína se alterou, o que evidencia experiências, percepções e, logo, geograficidades distintas. Segundo Relph (1979), pode-se entender geograficidade como “experiências variadas e mesmo contraditórias que nós temos de espaços, paisagens e lugares [que] combinam as qualidades e aparências destes com os nossos modos e atitudes” (RELPH, 1979, p.2).

Em concordância com a mudança de percepção acerca da ruína e a definição de Edward Relph, Rahyan de Carvalho Alves (2014) afirma que:

“As paisagens se mostram como unas e únicas para cada sujeito, mas a verdade é que elas, de fato, não têm formas pré-estabelecidas, não são materiais concretos, de significados definidos. A grande questão é o sujeito que se apresenta para a paisagem com as suas idéias e lembranças, e como a relação estabelecida com a paisagem desenha, em sua mente, um mundo de múltiplas significações.” (ALVES, 2014, p. 75-76)

Dialogando com Alves, Thomé de Pádua Frutuoso (2013) expande essa compreensão afirmando que:

“O significado varia não somente de sujeito para sujeito, mas também pode variar ao longo da vida do mesmo. Nossa visão de mundo não é imutável, ela vai se transformando com o passar do tempo, logo, a percepção e a relação com os lugares também muda. O espaço é interpretado e reinterpretado a cada momento, pois o ser humano é um ser simbólico.” (FRUTUOSO, 2013, p. 13)

À medida que se vive um espaço, o sujeito, dentro dos seus conhecimentos, relações, cultura, gênero, anseios, percepções, senso comum e conclusões próprias, interpreta e conclui o significado dos espaços e lugares que ocupa para ele mesmo. O que há de significados pré-definidos em um lugar nada mais é do que aquilo que uma pessoa ou um grupo de pessoas

atribuiu dentro das percepções e do simbolismo que se intenta imprimir, mas isso não será a mensagem que todos que o visitam irão apreender. “Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente.” (Tuan, 1980, p. 6).

Frutuoso (2013) afirma que isso resulta na pluralidade de significados em certos lugares, que estão em constante transformação devido à apropriação por diversos grupos e indivíduos com diferentes perspectivas. Essas visões de mundo são incorporadas aos lugares, permitindo que as pessoas se relacionem melhor com eles e se sintam pertencentes. O ato de imprimir na materialidade símbolos e signos em busca de conforto, por si só, caracteriza uma medida geradora de ambiência.

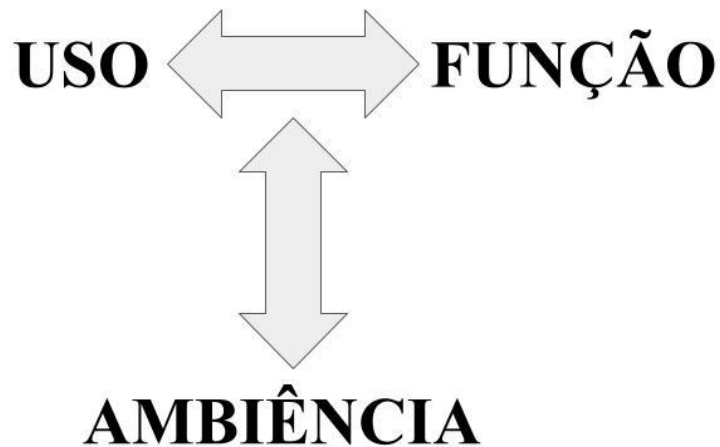
Termo amplamente utilizado na Arquitetura, a Ambiência descreve um ato de “humanização por meio do equilíbrio de elementos que compõem os espaços, considerando fatores que permitam o protagonismo e a participação” (BESTETTI, 2014, p. 602).

Simplificando, a ambiência é criada com base em valores objetivos, como forma, função, cor, textura, ventilação, temperatura, iluminação, sonoridade e simbologia. No contexto do espaço construído, como no caso do presente estudo, esses valores compõem o espaço arquitetônico, influenciando o bem-estar dos ocupantes. Além disso, existem valores subjetivos, adquiridos culturalmente e por experiências de vida, que atribuem significados positivos ou negativos aos estímulos do ambiente (BESTETTI, 2014).

A ambiência naturalmente ocorre nos espaços e, a depender da evolução dos mesmos no decorrer do tempo, pode atribuir sensações diferentes aos ocupantes do local. Desta forma, ao se alterar o uso do espaço, uma nova ambiência pode ser aplicada e, através dela, uma nova função é originada. O caminho oposto também pode ser traçado ao estabelecer uma função que caracteriza o espaço de acordo com suas demandas. A ambiência se apresenta conforme o uso do espaço supre a demanda desta função pré-determinada. A interação destes conceitos descrita na figura 2 expressa um caráter causal, em que a alteração de um dos parâmetros tem potencial para gerar alteração nos outros dois.

**Figura 2 - Relação uso-função-ambiência**





**Fonte: Autoria própria**

O próprio existencialismo intrínseco à geograficidade de Dardel pressupõe que a ambiência seja ao mesmo tempo uma marca e uma ferramenta para a percepção, interação e ocupação dos lugares, pois como seres que se comunicam com o mundo e através do mundo, o Homem buscará sempre fazer do espaço o meio para se expressar. Ainda assim, é necessário compreender que o modo como é aplicado o conceito, se as transformações nos espaços são bem refletidas e elaboradas ou não, podem gerar experiências tanto confortáveis quanto desconfortáveis, causando sentimento de pertença ou aversão.

Dado o uso dos termos “experiência” e “vivência” e outros como “interação” e “subjetividade” surge a necessidade de trazer o conceito de mundo vivido para debate acerca da geograficidade. Apesar de compor uma ideia aparentemente simples, Edward Relph deixa claro que “apesar de vivermos nele, o mundo-vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos” (RELPH, 1979, p. 4). Isto porque a conceituação científica excessiva obscurece o real entendimento e absorção das informações emitidas pelo espaço e interpretadas pelos indivíduos. Convenções sociais, segundo o autor, também inviabilizam um entendimento real dos fenômenos.

Edward Relph (1979) nos traz 3 referências de mundo-vivido: o mundo-vivido natural, social e geográfico. A que mais se encaixa à realidade do estudo é o último, que nada mais é do que uma abordagem conjunta dos dois primeiros. “Não há nada de misterioso, ou abstrato, ou exclusivo nesse mundo-vivido geográfico, embora ele tenha inspirado e influenciado numerosas religiões, filosofias e teorias; é simplesmente o mundo de espaços, paisagens e lugares, o qual todos devemos encontrar em nossas vidas diárias” (RELPH, 1979, p. 6).

Como parte da mesma prática fenomenológica, a Geograficidade de Dardel e o mundo-vivido de Relph e a ambiência particular de cada paisagem compõem um conjunto de experiências conscientes e inconscientes pautadas na percepção, interpretação e participação individual e coletiva dos seres humanos nos espaços de vida.

### **3.4 TOPOFILIA**

Dando seguimento a conceituação de termos essencialmente geográficos, é importante considerar os contextos em que o geógrafo Yi-Fu Tuan emerge como expoente da revolucionária Geografia Humanista, sendo uma figura central na elaboração deste trabalho.

Durante a década de 1970, houve um aumento no debate sobre a importância do ambiente na formação da identidade pessoal e cultural. As preocupações ambientais estavam ganhando destaque, com discussões sobre conservação, planejamento urbano e preservação do patrimônio natural e cultural. Motivado também pelos expressivos avanços em ciências como a Antropologia, Filosofia e Psicologia, Tuan contribuiu para essas discussões ao examinar a conexão emocional e simbólica que os seres humanos estabelecem com os lugares, destacando a importância da topofilia na formação de nossa relação com o ambiente e na construção de nossa identidade.

A Geografia Humanista surge como vertente através do trabalho multidisciplinar do escritor, como uma crítica à abordagem quantitativa desenvolvida por meio de uma visão fundamentalmente funcional e materialista do espaço. A nova abordagem valoriza a subjetividade, a percepção, a experiência e as relações sociais como elementos fundamentais para a compreensão do espaço geográfico. Ela busca compreender como os seres humanos constroem significados e atribuem valores aos lugares, considerando fatores culturais, históricos e emocionais. A Geografia Humanista enfatiza as narrativas, as histórias de vida, as identidades individuais e coletivas, as emoções e as relações de poder presentes no espaço geográfico, tendo como marco teórico-conceitual para essa nova fase o livro “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” lançado em 1974, com a tradução no Brasil sendo lançada em 1980.

Nesse clássico, Yi-Fu Tuan difunde o termo topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.” (Tuan, 1980, p.5). O neologismo exprime a filiação do ser humano com o ambiente que o cerca, a associação da pessoa ao lugar de vida, e está vinculado à afetividade, sentimento de pertencimento e aos laços estabelecidos com o ambiente, considerando a subjetivação humana e revelando o ser geográfico, o Homem, e a

sociedade como criadores de significado. O termo descreve o potencial humano de atribuir e tornar o espaço da experiência, do cotidiano, da percepção e da vida em lugares portadores de carga simbólica, significados e valores.

Assim, a ciência geográfica é enriquecida, indo além de uma descrição meramente técnica dos espaços conquistados e ocupados. Topofilia está associada às categorias geográficas de lugar e paisagem e passa a fazer parte dos estudos de percepção ambiental. Essa relação amorosa com a terra abriu uma série de estudos que consideram em suas análises a observação da paisagem, manifestações afetivas, elementos da cognição, percepção e comportamento humano diante do meio. As paisagens, segundo Tuan (1980), são cenários que despertam sentimentos distintos em cada pessoa, sendo esses sentimentos de apreço (topofilia) ou desprezo (topofobia). Essas emoções são únicas para cada indivíduo. Denis Cosgrove (1995) enfatiza a paisagem ligada intrinsecamente à cultura, à representação de narrativas e de pensamentos. Assim, ela “[...] aparece como um lugar simbólico. É agora a maneira de ver, compor e harmonizar o mundo que a torna importante [...]” (COSGROVE, 1995, p.42, tradução nossa). Todas as experiências passadas, memórias, valores, crenças e expectativas moldam a maneira como vivenciamos os lugares, resultando em perspectivas distintas e interpretações subjetivas da realidade espacial. Portanto, a percepção e o significado das paisagens são construções pessoais e complexas, refletindo a interação entre a mente humana e o ambiente físico.

Para respaldar esse conceito, Mariana Ferreira Cisotto (2013) explica:

“Tuan estabeleceu uma exploração ampla de como os laços emotivos com o ambiente material variam muito de pessoa para pessoa e em intensidade, sutileza e modo de expressão. Fatores que influenciam a sua profundidade de resposta ao ambiente incluem fundo cultural, de gênero, raça e circunstância histórica, argumentando também a existência da capacidade sensorial, inata, o elemento biológico e sensorial.” (CISOTTO, 2013, p. 95)

Tuan (1980) expõe diversos exemplos de povos, como os Aivilik, os Navajos e os pigmeus, que têm suas subjetividades estimuladas pelas especificidades ambientais dos locais em que estão inseridos. O modo como são percebidos o clima, os referenciais de posicionamento espacial, a hidrografia, o relevo e mais uma infinidade de fatores proporcionam formas diversificadas de estabelecer a cultura, a linguagem, a religiosidade, o posicionamento dos assentamentos e inúmeros outros aspectos que diferem, mesmo em culturas situadas na mesma região, o seu modo de vida. O potencial de diversificação tende ao

infinito e dentro do universo particular de uma sociedade “o costume de estruturar o mundo em substâncias, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo.” (Tuan, 1980, p.26).

Ainda que a realidade do objeto de estudo deste projeto incorpore um ambiente muito mais transformado, urbanizado, contemporâneo, os fatos que condicionam a vivência apenas se tornaram mais influenciados pela atuação humana em detrimento da atuação natural. Aspectos como a divisão social do trabalho, arquitetura urbana, mobilidade e até mesmo a escolaridade e classe social proporcionam experiências e percepções diferentes dos sujeitos ao perceber os mesmos espaços, principalmente ao se considerar a sociedade como um aglomerado multicultural estabelecido em razão da globalização. Desta forma, o que se tem hoje na verdade é uma multiplicidade de significados para os símbolos vividos e percebidos no cotidiano, uma vez que “os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura.” (Tuan, 1980, p.26).

### **3.5 TOPOFOBIA**

Diretamente oposta ao significado da topofilia, a topofobia representa os traços negativos da experiência de um indivíduo com determinado espaço. Tuan (2005) descreve de forma detalhada e amarrada a aspectos psicológicos as razões que dão contexto para este tipo de relação Homem-meio desde a infância à fase adulta e das primeiras etapas de desenvolvimento da humanidade com os caçadores-coletores aos dias atuais.

A realidade urbana está sujeita a uma série de questões que, contraditoriamente a ideia de segurança que a cidade exprime em relação ao meio rural, tangem a própria estrutura da cidade, relações entre habitantes e as memórias negativas adquiridas no decorrer da experiência cotidiana da cidade. Neste sentido, Tuan afirma:

“É uma profunda ironia que frequentemente a cidade possa parecer um lugar assustador. Construída para corrigir a aparente confusão e o caos da natureza, a cidade em si mesma se transforma em um meio ambiente físico desorientador, no qual os prédios de apartamentos desabam sobre seus habitantes, ocorrem incêndios e o trânsito ameaça a vida e mutila as pessoas. Apesar de cada rua e prédio – e na verdade todos os seus tijolos e blocos de pedra – serem sem dúvida os produtos de planejamento e reflexão, o resultado final pode ser um imenso labirinto desordenado.” (TUAN, 2005, p.233-234)

No decorrer de seu livro *Paisagens do medo*, Tuan (2005) elucida aspectos topofóbicos presentes na cidade como o ruído, as ruas e suas ramificações. se estreitando cada vez mais em vielas e becos, as sombras que se formam pelas altas edificações e outros aspectos mais controlados atualmente, como a ausência de calçadas nas ruas, com risco de atropelamentos por carruagens, e o fogo. Da mesma forma, o autor conversa sobre o fator humano, o anonimato, preconceitos, xenofobia e a generalizada incerteza das pessoas ao redor, como um potencial causador de percepções negativas dos espaços da cidade.

Ao considerando a heterogeneidade social da Itália renascentista, trazida pelo autor, muito se pode aproximar com a realidade atual por diversas lentes, como os bairros étnicos (muito comuns no Estados Unidos), a globalização, migrações causadas por desastres naturais, perseguição religiosa e política, o alto grau de globalização e as desigualdades sociais, raciais e econômicas. As topofobias materializadas através do medo e da não compreensão sobre a realidade ou identidade de um grupo, até aspectos mais subjetivos como a impetuosidade dos indivíduos de estratos sociais muito discrepante, com ameaças de revolta, caos e anarquia (TUAN, 2005) estabelecem limites de onde se pode e onde não se pode frequentar ou de que medida tomar para garantir o bem estar dos estratos sociais dominantes.

“Estes sentimentos diversos são assim percebidos pela grande complexidade de elementos sociais que circundam a nossa vida e, dificultam, em certa medida, a construção dos diálogos, a permanência das relações de amizade. Com isso, diminuem a intensidade das ligações do sujeito com o Outro, fragilizando a experiência do homem com o Mundo pelo distanciamento que realizamos deste Outro, dificultando o conhecimento/contatos interpessoais.” (ALVES, 2014, p. 73)

A cidade desta forma, contraditoriamente a sua concepção inicial de segurança pela ação comunitária, passa no decorrer da história a proporcionar todo tipo de medo e violência, uma vez que, diferente do campo, ela unifica no mesmo perímetro, o injustiçado e o causador da injustiça.

### **3.6 ASPECTOS DA MATERIALIDADE**

Com o intuito de estabelecer um contexto geral e reduzir a escala de análise para a realidade específica do objeto de estudo, este capítulo encontra-se fracionado nos tópicos: A concepção da ideia de Brasília, onde se apresenta todo o ideário que compôs ao longos de

anos o que se esperava, o que foi a construção e o que de fato Brasília passa a representar com a finalização das obras da cidade; o Setor de Diversões Sul: tópico que apresenta uma descrição específica do espaço, abordando pontos relevantes de sua concepção e trajetória até os dias atuais; levantamento das atividades culturais, espaço destinado a elencar os principais agentes da prática e agitação cultural do SDS atualmente.

### 3.6.1 A CONCEPÇÃO DA IDEIA DE BRASÍLIA

“Algumas cidades mostram de si uma imagem recorrente, como um palimpsesto ou uma fotografia antiga que permanecesse impressa, ainda que amarelecendo com o tempo, e conservasse seus traços por trás de outras, mais vivas e atuais. No caso de Brasília é imagem forjada pelo mito e também pela história de uma idéia, que se conclui com a execução do seu projeto modernista. Para dizer de outra forma, aquela cidade sem história é rica em carga simbólica. E o que Brasília simboliza? A democracia. A racionalidade. A nação. A integração e o desenvolvimento. A aspiração de igualdade. O moderno. O futuro. E também, claro, o poder, a alienação, o encastelamento, a corrupção, o autoritarismo, o misticismo e a irracionalidade.” (ALMINO, 2007, p. 299)

De acordo com João Almino (2007), a trajetória da cidade de Brasília antecede sua concepção em aproximadamente um século e meio, período em que o imaginar, idealizar, profetizar, antecipar, planejar e executar permeou a fala e a ação de diversas figuras, nacionais e estrangeiras, até sua então inauguração em 21 de Abril de 1960. Em seu artigo, o escritor e diplomata brasileiro busca justificar a razão pela qual alguns de seus romances se passam na cidade de Brasília e o que baseia toda a raiz simbólica da cidade, como descrito na citação acima.

O plano de interiorização da capital brasileira, como elucidado João, é um tema aberto desde antes da independência, quando “Hipólito José da Costa, que, de seu exílio londrino, localizava a nova capital no “interior central”, nas “cabeceiras dos grandes rios” (ALMINO, 2007, p. 300) ou quando “José Bonifácio de Andrada e Silva sugeriu, [...] que se levantasse ‘uma cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou da Regência’, acrescentando que poderia ser ‘na latitude pouco mais ou menos de 15 grau’.” (ALMINO, 2007, p. 300).

Para além dos ideais nacionalistas que antecipavam a necessidade de centralizar o poder e promover articulação e desenvolvimento em todos os cantos da nação, a esfera mística também passa a compor o ideário da sequer nascida capital quando Dom Bosco “teria tido em 1883 um sonho profético sobre a ‘Terra Prometida’, num ‘leito muito largo e muito

extenso, partindo de um ponto onde se forma um lago’, ‘entre os paralelos 12 e 20’ e onde seria fundada ‘uma nova civilização’.” (ALMINO, 2007, p. 301).

Com a chegada do século XX, a comoção sobre a mudança da capital se elevava cada vez mais, gerando grandes debates públicos sobre o tema. Medidas como o Projeto de Lei de Mudança da Capital, a Comissão Cruls, a Constituição de 1934, e o Plano de metas de Juscelino Kubitschek, aproximavam o Brasil de uma nova era. “O país parecia finalmente estar chegando a seu futuro.” (ALMINO, 2007, p. 303). O próprio ministro da Cultura da França, André Malraux, em visita ao Brasil em 1959, afirmou que:

“aquela cidade era “a capital da esperança”, “a primeira das capitais da nova civilização”, “a cidade mais audaciosa que o Ocidente já concebeu”. Creditando o projeto arquitetônico de Lúcio Costa, o francês ainda disse “a cidade não [seria] apenas a sede do novo governo e da administração, mas também um dos maiores centros culturais do país” e que “As grandes nações sempre encontram seu símbolo, e sem dúvida Brasília é um símbolo de tal sorte” (MALRAUX, 1988, p.33-41 apud ALMINO, 2007, p. 303).

Entretanto, os anos subsequentes não são generosos com a moderna capital. A ditadura marcou momentos dramáticos em sua história, a artificialidade da cidade parque, as grandes distâncias internas e a setorização extrema expuseram a contradição e a fragilidade de uma mobilidade urbana modelada para os automóveis e não para as pessoas e o crescimento das cidades satélites reafirmam uma desigualdade que já existia em outras cidades brasileiras. “A utopia de Brasília começava a se confrontar com a Brasília real” afinal de contas “não é o plano urbanístico que molda a sociedade, mas essa que vai dando novos significados àquele. Mesmo quando preservada, a arquitetura absorve o espírito do tempo, moldando-se às novas realidades.” (ALMINO, 2007, p. 304).

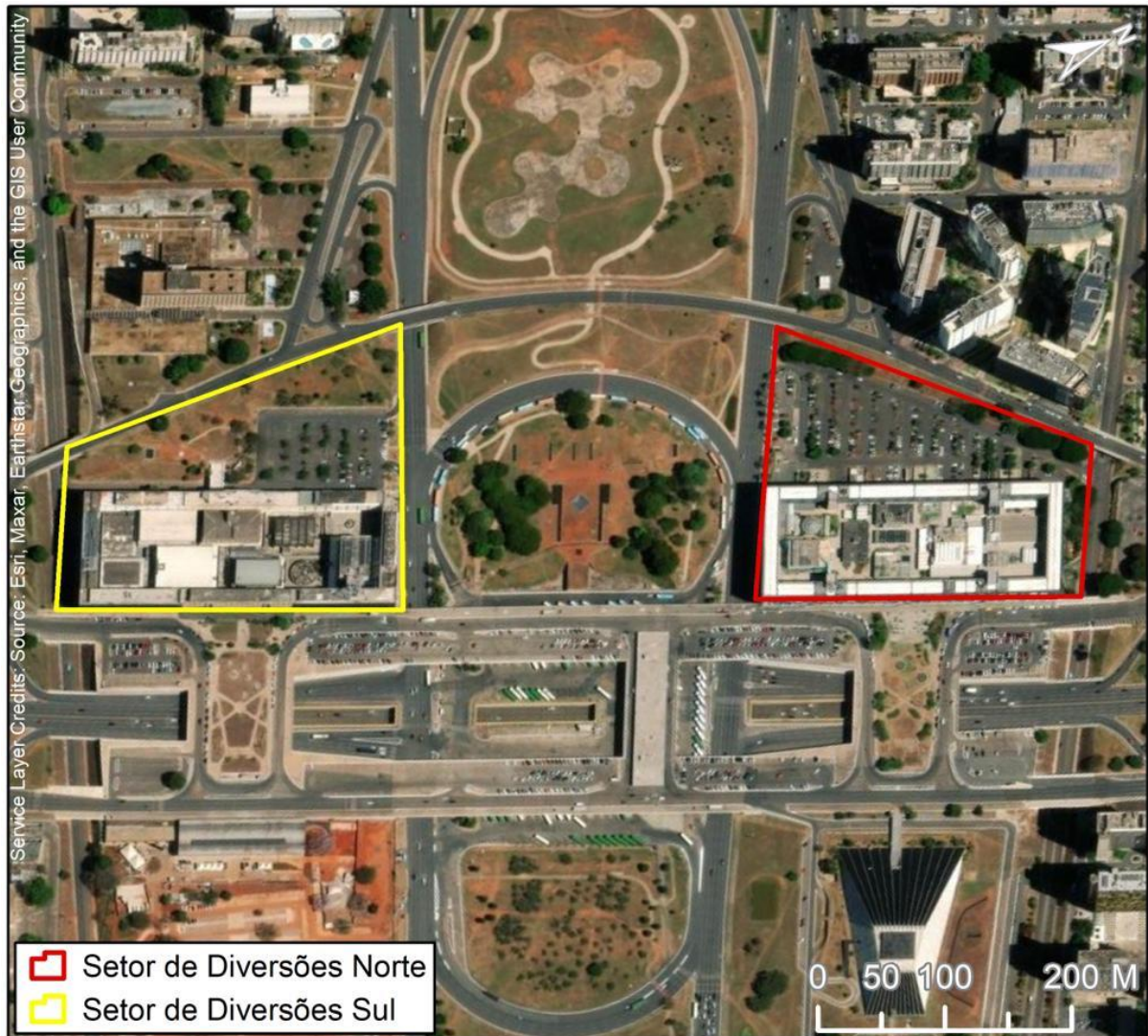
Brasília foi direcionada no caminho do desenvolvimento, da modernidade e da sofisticação, mas atracou na dura realidade de um Brasil que não tinha o necessário para acompanhar o desafio: uma política econômica sólida para o restante do país. Ela nasceu, evoluiu e adaptou-se à desigualdade que a cercava. A recém consolidada materialidade absorveu como uma esponja seca, como uma folha em branco, as disparidades, os desafios e os simbolismos que todo brasileiro trouxe de sua terra natal rumo à era moderna.

### **3.6.2 O SETOR DE DIVERSÕES SUL**

O Setor de Diversões Sul, situa-se ao sul da interseção entre as vias do Eixão com o Eixo Monumental, em Brasília, delimitado em amarela na Figura 3, há muito tempo participa do cotidiano brasiliense numa lógica pendular. Como o nome já diz, é uma área destinada à atividade comercial e de lazer, não havendo residências no local. Durante o dia apresenta grande circulação de pessoas na fachada devido a grande proximidade com o centro e dispõe de prédios comerciais, escritórios, sedes sindicais, restaurantes e bares. Com a chegada da noite, sua atmosfera muda para uma área de baixa densidade populacional e pouca iluminação, fortalecendo práticas como o tráfico e uso de drogas e a ocupação por pessoas em situação de rua, principalmente em seus becos em mau estado de conservação e de difícil acesso para viaturas da polícia.



**Figura 3 - Setor de Diversões Sul e Norte**



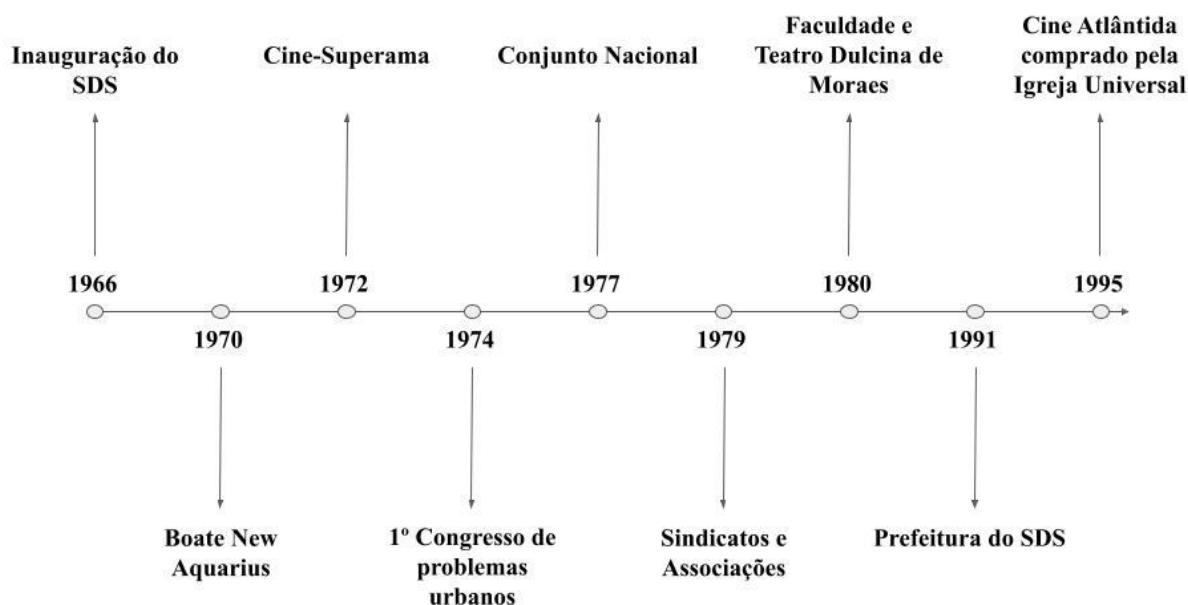
Fonte: Imagem Esri. Do autor (2023)

A trajetória do SDS, popularmente conhecido como Conic, segue essa dinâmica que permeia a fantástica utopia do projeto de Lúcio Costa, a omissão do Estado e a fragilidade econômica dos comerciantes locais frente ao empreendedorismo predatório. Costa (1957), em seu Relatório do Plano diretor de Brasília, tinha uma visão cosmopolita e sofisticada e previa para o SDS o papel de centro cultural da cidade, equipado com cinemas, galerias, cafês, livrarias, restaurantes, bares e boates, a exemplo de lugares como Picadilly Circus, em Londres, Times Square em Nova Iorque e Champs Elysées em Paris.

O projeto de Brasília já previa a continuidade das obras mesmo após sua inauguração (COSTA, 1957) e, segundo informações de Eduarda Aun em seu Guia de bolso do Conic (2015b), a construção do setor se iniciou em 1962 e o espaço foi entregue quatro anos depois. Para além do setor de comércio e lazer, os prédios do Conic também abrigaram embaixadas e

órgãos públicos enquanto suas sedes não eram entregues (AUN, 2015a; MONTEIRO, 2020). Na finalidade de gerar referência visual para a cronologia dos acontecimentos no Conic de sua inauguração até 1995, foi elaborada a linha do tempo abaixo (figura 4).

Figura 4 - Linha do tempo do Conic



Fonte: Elaborado com base no Guia de bolso do Conic de Eduarda Aun (2015b)<sup>2</sup>

Entre 1960 e 1980, período de maior relevância e movimentação do espaço, a área ainda foi equipada com: a primeira boate gay da capital, a New Aquarius (1970); a inauguração do Cine-Superama (1972), especializada na exibição de filmes de arte; duas praças: a Praça dos Aposentados, que dá acesso do Hotel Nacional ao SDS (1971) e a Praça Zumbi do Palmares, em frente a fachada do SDS (1977) e, por fim, a Faculdade de Artes e Teatro Dulcina de Moraes (1980).

Em contraponto, acontecia em 1974 o 1º Seminário de problemas urbanos de Brasília, onde foi discutido o não cumprimento da função inicial deste espaço pela ausência de bares e restaurantes e a falta de tratamento paisagístico das áreas públicas e das praças do Conic. Contraditoriamente, em 1979, através do processo de abertura política que indicava o fim da ditadura militar, sedes sindicais e associações começam a se instalar nas dependências do Setor de Diversões Sul (AUN, 2015b).

“É unânime aos que se dedicaram a estudar sobre a construção de Brasília que o seu projeto é de vasta simbologia e de uma dimensão utópica robusta.

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/eduardaun/docs/guia\\_de\\_bolso](https://issuu.com/eduardaun/docs/guia_de_bolso)> Acesso em: 3 jun. 2023

Lúcio Costa destinou o território mais privilegiado da região para a construção do seu centro de diversões, como forma de lhe conferir a vitalidade urbana desejada. [...] Em poucos anos, a concretização do conjunto comercial e o fluxo de identidades e de práticas ali ambientadas sucederam de maneira oposta ao que vendia o projeto do Plano Piloto e em toda a propaganda que lhe acompanhava.” (SILVA, 2020, p. 20)

A proposta de atingir diversos públicos com uma carta de atividades diversificada que atenderia diversos grupos sociais e etários e sua proximidade com a Rodoviária do Plano Piloto era bem estruturada, mas além das falhas do Estado em criar e manter o espaço atrativo, surge “uma sombra no meio do caminho, e ela se chamava shopping center e grandes redes de livrarias” (FREITAS, 2019). Bem ao lado, precisando apenas atravessar o Eixo Monumental e atingir o lado Norte da capital, no Setor de Diversões Norte, a inauguração do Conjunto Nacional Shopping (Figura 5), em 1977, determinou “dois fenômenos de consumo de massa [que] derreteram as pequenas livrarias [...] E esvaziaram as salas de cinema. Tudo passou a se resolver na insipidez dos shoppings. O Cine Atlântida, com seus 1.200 lugares, fechou [em 1995] e mais tarde virou igreja evangélica. Assim como os demais.” (FREITAS, 2019). Mesmo com a criação da Prefeitura do SDS em 1991, com o objetivo de “requalificar o Conic e mudar a sua imagem negativa” (AUN, 2015b), comércios e mais comércios fecharam, dando espaço às igrejas evangélicas e ao abandono e sucateamento do lugar.

**Figura 5 - Conjunto Nacional**



Fonte: Indica Brasília, 2022 <sup>3</sup>

Após anos de marginalização das dependências do SDS, hoje o local é marcado pela grande quantidade de lojas fechadas, obras inacabadas, becos e corredores mal iluminados, paredes que dividem espaço entre pichações e grafites e a presença de pessoas em situação de vulnerabilidade ocupando as dependências do local.

“Lucio Costa não antecipou a participação e integração de outras classes neste setor, apropriado de um modo diferente daquele concebido por ele em seu relatório. “Isso é tudo muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita”, Lucio Costa para Jornal do Brasil, novembro de 1984. A cidade reage a essa programação da espontaneidade, sugerindo que o projeto não é um domínio fechado e que o habitante é o principal agente transformador do espaço.” (AUN, 2015a, p. 2-3)

Ainda que haja um debate aberto quanto ao valor de pichações e grafites, traços de grupos sociais que marcam o espaço e firmam a identidade e o sentimento de pertença, é fácil enxergar que esses aspectos denotam significados à materialidade, geralmente fontes de topofobia para outros grupos. Este tema será melhor apresentado **4.1.1**.

Mesmo que de fato o plano utópico tenha virado lenda e a visão negativa do Conic se encontre enraizada, o SDS passou a ser ocupado por uma nova forma de interpretar o lugar e

<sup>3</sup> Disponível em: <https://indicabrasilia.com.br/conjunto-nacional-apresenta-campanha-humanizada-neste-dia-das-maes/> acesso em: 15 jun. 2023



se tornou palco de movimentos culturais e sociais variados, como: a cultura hip hop, as manifestações de matriz africana, batalhas de MC's, rodas de samba e eventos de música dos mais variados gêneros, como Rock, Pop, Funk, House, Techno e o próprio Carnaval. (FREITAS, 2019; MONTEIRO, 2020).

“Skatistas, artesãos, boêmios, grafiteiros, evangélicos, prostitutas e sindicalistas vêm transformando esse espaço, convertendo cinemas em templos religiosos, calçadas em pista de manobra, praças em feiras, escadas em palanques, porões em discotecas. As atividades desempenhadas pelos diversos grupos fornecem um panorama da complexa composição social que se apropria do setor.” (REZENDE, R. 2014, p. 9)

#### 4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi motivado pelo conhecimento e experiência em locais abandonados e ressignificados pela cultura, de modo que a vivência e visitação de eventos no Conic e o acesso a portais de notícia como a revista online Alataj foram fundamentais para estabelecer o tema do projeto.

Durante o curso de graduação, diversas disciplinas viabilizaram o contato com obras e a descoberta de autores consagrados. As disciplinas de Geografia Humana e Geografia Cultural foram dois grandes marcos para fechar o escopo desta pesquisa. Autores como Yi-fu Tuan, Edward Relph e Eric Dardel se enquadram nesta etapa do levantamento bibliográfico.

A pesquisa de textos acadêmicos relacionados às ruínas urbanas e espaços abandonados foi fundamental e se deu principalmente em sites de periódicos de universidades de todo o Brasil. Também foi o caso para a maioria dos textos relacionados a geograficidade, topofilia e topofobia. Os repositórios e bibliotecas digitais também agregaram na pesquisa com textos de graduação, mestrado e doutorado, como foi o caso das obras elaboradas por Silas Martí (2017) e Rafael Faleiros de Pádua (2007).

Os materiais da arquiteta Eduarda Aun e do geógrafo Tomé de Pádua Frutuoso, participam desse estudo de forma especial, pois tratam de pesquisas dedicadas ao mesmo espaço tido como objeto de estudo deste trabalho, o Setor de Diversões Sul. Ambos contribuíram fortemente para a estruturação e contextualização do presente estudo.

Por se tratar de um trabalho pautado na geograficidade e sua inerente abordagem fenomenológica, a realização da pesquisa foi organizada de modo a oportunizar tempo hábil para a habituação com o espaço e a devida percepção de elementos materiais que compõem uma visão geral e particular dos frequentadores. A pesquisa de campo foi desenvolvida a partir de um período de observação e vivência de aproximadamente um ano e meio até o

término do presente estudo, com visitas mensais, motivadas principalmente pelos eventos de música eletrônica.

Na finalidade de manter uma linha de conversa com o trabalho de Tomé de Pádua Frutuoso (2013), cujo trabalho engloba o mesmo espaço deste estudo, a intenção foi realizar uma coleta de informações gerais e da experiência mediante questionário aplicado aos frequentadores do espaço. Visitas exploratórias, abarcando toda a área do SDS, forneceram a coleta de material iconográfico e de informações via questionário e aconteceram no período compreendido entre 25 de Maio até 17 de Junho de 2023 em horários variados, durante o dia e durante a noite. Conversas corriqueiras com visitantes do local e a procura por notícias envolvendo o Conic também contribuíram na construção do conhecimento sobre o mesmo.

Grande parte de toda a iconografia foi adquirida de forma independente no decorrer do período de vivência do espaço. No entanto, há de se destacar a importância do Coletivo Hangover, que é um grupo independente de dj's, produtores de eventos, designers e fotógrafos que atuam na cena da música eletrônica produzindo eventos e prestando diversos serviços à outras festas. O acesso ao material produzido por Juliana Santiago e Erick Freire se deu através do contato com o coletivo.

Para atingir maior compreensão acerca das possibilidades de percepção espacial e da geograficidade entre aqueles que participam e vivem o SDS durante a noite e durante o dia, foi aplicado um questionário (disponível no **tópico 7**) dividido em 2 partes: a primeira etapa é uma coleta de informações gerais sobre os participantes (idade, gênero, etc) e a segunda busca entender as possíveis razões que motivam a visita ou o trânsito nas dependências do SDS e traz questões subjetivas que indagam a relação do indivíduo com o lugar.

Esta primeira etapa tem a função de dar suporte às possíveis análises que se possa ter acerca das percepções individuais do lugar para cada um dos respondentes. Yi-Fu Tuan (1980) afirma que o gênero influencia na visão de mundo do sujeito, de modo que a identidade de gênero de cada um pode influenciar no modo de perceber e de experienciar o espaço geográfico.

Os questionários foram preenchidos por dois grupos distintos: o primeiro relaciona-se às pessoas que estão no Conic durante o dia e o segundo grupo agrega os frequentadores das noites do Conic. Para cada grupo, buscou-se entrevistar 20 pessoas, de modo a alcançar um número igual de pessoas que trabalham e que frequentam o local por outras razões que não o trabalho, assim como números aproximados de homens e mulheres. Dada a diversidade de gêneros observada nos dias de vivência e observação do lugar, buscou-se, na medida do

possível, englobar pessoas travestis e transgênero na realização dos questionários, com o objetivo de atingir conclusões mais inclusivas sobre o espaço em análise.

Nessa lógica, perguntas sobre a idade, gênero, local de residência, escolaridade e nível de frequência são fundamentais para estabelecer outros níveis de correlação entre as particularidades de cada sujeito e a sua respectiva visão de mundo. É importante considerar o motivo e a frequência de visitas ao SDS como parte dos fatores que também contribuem para a visão de mundo dos participantes. Neste sentido, a questão 7 tem a função de segmentar o grupo de trabalhadores que estão lá durante a semana do grupo de trabalhadores que estão lá durante o final de semana, uma vez que no ramo de eventos, os dias trabalhados são de sexta-feira, sábado e, por vezes, domingo. Na mesma lógica, a questão 8 busca compreender a quantidade de visitas para, dentro do grupo de frequentadores do Conic em razão dos eventos, compreender a frequência de visitas às festas dos finais de semana, de modo que, considerando um mês com 4 fins de semana, “no máximo uma visita” representa uma pessoa que pouco experiencia o espaço e “mais de duas vezes” representa uma pessoa que participa de forma comprometida com o lugar.

A pergunta 9 abre a segunda etapa, que trabalha o senso de geograficidade. A nona questão qualifica a experiência entre “excelente”, “boa”, “regular” ou “ruim”. Entende-se “regular” como o tipo de experiência que é tolerável para o participante e, sendo assim, ele pondera o que há de ruim de acordo com o que ele enxerga de bom. Para motivo de análise, todos os participantes que responderam “regular”, no geral, têm ressalvas sobre o espaço e os aspectos positivos quase não bastam para garantir sua permanência ou assiduidade no Conic.

As questões 10 e 11 são abertas e subjetivas e intentam extrair, por meio da percepção individual dos entrevistados, o que há de bom (topofilia) e de ruim (topofobia) sobre o lugar e de que forma essas percepções compõem uma realidade coletiva ou particular da materialidade e da subjetividade do Conic.

A entrada da Biroasca, descrita no tópico **4.1.4.3**, referência entre os espaços que protagonizam a noite no SDS, foi definida como o ponto central da coleta de informações para garantir uma fidelidade maior ao questionário, pois durante a noite, o maior contingente de pessoas se encontra concentrado neste local.

Ainda que o material coletado pelo questionário denote quantificação de informações, essa pesquisa é de caráter qualitativo e os dados adquiridos dão base para uma compreensão subjetiva do espaço e, desta forma, ajudam a cumprir com os objetivos da pesquisa.

## 4.1 PESQUISA DE CAMPO

Entre Março de 2020 e fevereiro de 2022 o DF atravessava um momento incerto quanto a retomada dos eventos em decorrência da proibição de eventos e limitação de público, políticas de contenção elaboradas devido aos surtos da pandemia do Covid-19. O avanço das campanhas de vacinação e a posterior flexibilização das normas de distanciamento social proporcionaram a retomada dos eventos de modo a, novamente, ocupar o Conic, espaço já contemplado com festas semanais antes da pandemia se alastrar pelo Brasil.

Após este período, as visitas a eventos eram quase mensais e proporcionaram uma boa perspectiva sobre o uso e a função do espaço durante a noite, demandando observações do ambiente durante o dia para fechar outro ponto de vista conforme a hora do dia. As visitas exploratórias, que ocorreram entre 25 de Maio até 17 de Junho de 2023, foram realizadas através do uso do metrô como meio de acesso ao local. A caminhada da rodoviária até o Conic expõe muito do que é a circulação no centro da cidade e justifica o grande contingente que atravessa a porta de entrada do SDS todos os dias. No início da fachada do Conic, a paisagem é marcada pelos compradores de ouro e pelo trabalho informal do pessoal que faz prospecção de clientes para as clínicas que existem no local.

A coleta de entrevistas com pessoas que trabalham no local durante a noite foi particularmente desafiadora, pois elas estavam no pleno desempenho da função. Na finalidade de garantir participação e agrupar um número razoável de respostas, foi elaborado e compartilhado um formulário online a ser respondido em momento adequado.

### 4.1.1 O ESPAÇO DA RUÍNA

O debate inicial sobre a formação, consolidação e percepção das ruínas no decorrer da história e como elas são vistas hoje dá suporte para entender o caminho que traça hoje o Conic, que, cada vez mais, demonstra participar da dinâmica do centro da cidade e se afasta da lógica da *Ruin Porn*.

É importante entender que o sentido de ruína atribuído ao Conic, não se aplica ao espaço em sua integridade, pois ainda possui atividades e comércios atuantes ali. Além do mais, como não há acesso às obras abandonadas, que estão com a visão obstruída por tapumes, não há como saber o nível de degradação das estruturas interditadas no centro do SDS. O que se pretende afirmar é que existe uma aproximação muito grande do caminho de abandono que as edificações do Conic viveram em relação a evolução rumo à ruína em



espaços como Puerto Madero, em Buenos Aires, e a Praça Roosevelt (Figura 6), em São Paulo, ambos exemplos citados por Silas Martí (2017).

**Figura 6 - Estrutura da "Praça do Pentágono", na Praça Roosevelt em 2010, São Paulo, Brasil.**



Fonte: Alexandre Giesbrecht, 2010<sup>4</sup>

Não se coloca aqui o Conic categoricamente como uma ruína urbana, mas é preciso destacar que espaços semelhantes atravessaram o mesmo processo de abandono e arruinamento. Ainda que as razões possam diferir, à medida que as transformações no espaço abandonado e em gradual arruinamento ocorrem, o uso, a função e a ambiência são alterados, desencadeando relações tofóbicas e repelindo a população.

O Conic atingiu esta etapa e medidas para manipular a tríade uso-função-ambiência vêm sendo sendo tomadas, objetivando alcançar relações positivas que convidam os habitantes do DF e entorno a novas experiências com o lugar. Neste tópico, a caracterização do espaço de acordo com duas visitas exploratórias e um levantamento das atividades culturais no Conic expandem o debate do ocaso no Setor de Diversões Sul.

---

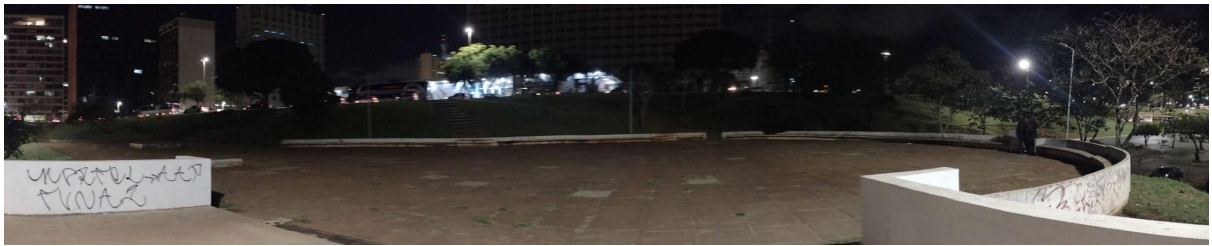
<sup>4</sup> Disponível em: <<https://mapcarta.com/pt/W161217162>> Acesso em: 26 jun. 2023.

#### 4.1.2. PRIMEIRA VISITA EXPLORATÓRIA

Uma vez localizado no centro da capital, o Conic é um local de muito fácil acesso, possuindo um estacionamento dedicado na parte de trás do bloco comercial além da proximidade da Rodoviária do Plano Piloto, o que oportuniza ainda mais a circulação através do metrô e das inúmeras linhas de ônibus que fazem parada por lá.

A primeira visita técnica ao espaço aconteceu no dia 25 de Maio de 2023 por volta das 17:40 e durou cerca de uma hora. O acesso se deu por meio da Praça dos Aposentados (Figura 7). Apesar de ter sido pintada recentemente, a praça já apresentava sinais de depredação, além de um ambiente pouco atrativo devido à iluminação incipiente, baixa arborização e a falta de mobiliário, sombra e trabalho paisagístico.

**Figura 7 - Praça dos Aposentados**



**Fonte: Acervo pessoal, 2023 (Gustavo P. Martins)**

Ao adentrar o Conic, muitas lojas já estavam fechadas (figura 8) e o número de lojas para alugar era significativo. As principais atividades do local envolvem o comércio e o setor de serviços, com destaque para restaurantes, lojas de vestuário, óticas, papelarias, livrarias, cabeleireiros, farmácias, clínicas, sindicatos e igrejas. Grafites e pichações eram facilmente encontrados e a circulação era baixa. O horário pode explicar essa questão, mas, considerando o plano original e o volume de pessoas que usa o Conic como acesso a outros pontos rotineiramente, esse deveria ser o esperado para um lugar tão bem localizado?

**Figura 8 - Lojas fechadas no Conic**



**Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)**



Foram vistas pessoas em situação de rua ocupando becos e corredores estreitos que, junto aos pontos com pouca ou nenhuma iluminação, trazem uma precária privacidade e uma insegurança muito grande para os que passam por estes locais. As obras inacabadas (Figura 9), rodeadas pelos tapumes de aço, marcados por tintas em spray como protesto ao abandono, e as primeiras evidências da passagem do tempo, com a tinta antiga das estruturas se descolando, agregam-se e compõem uma paisagem completamente tomada pelo concreto e pela penumbra, pouco digna de apreço, orgulho ou sensação de pertença.

**Figura 9 - Obras interdidas**



**Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)**

Ao fim dos dias úteis, a topofobia parece ser o sentimento que percorre o interior frio do Setor de Diversões Sul sem os obstáculos suavizantes das infinitas possibilidades não concretizadas do paisagismo urbano. No geral, os serviços de consumo rápido oportunizam aos visitantes uma breve e tímida estadia.

#### 4.1.3. SEGUNDA VISITA EXPLORATÓRIA

Uma vez que a maioria dos comércios já fechou no momento de chegada da primeira visita, foi realizada uma segunda visita exploratória às 15:20 no dia 9 de Junho de 2023 para apreender mais informações do local sobre o momento atual que vive o Conic enquanto a maioria das lojas ainda estavam em funcionamento. O fato de ser uma sexta-feira também oportunizou uma coleta de informações valiosa sobre o que se pensa da atividade da Biroasca na perspectiva dos lojistas.

Em conversa com alguns lojistas foi indagada a questão da baixa circulação nos corredores internos do Conic. Muitos deles pontuaram as obras interditadas (Figura 10) como um fator causador de medo e insegurança. Um vendedor pontuou que as obras se iniciaram na praça central há cerca de seis anos e hoje se encontram paradas há mais de dois anos. A limitação do campo de visão pelos tapumes de aço gera muito receio ao transitar em corredores estreitos de uma ponta do Conic para a outra.

**Figura 10 - Corredor vazio entre obra e lojas fechadas no Conic**



**Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)**

O fluxo interno, apesar de tímido, existia, concentrado principalmente nos salões de beleza, barbearias e lojas de vestuário. O tempo, que aparentava trazer uma chuva iminente, e a agitação da sexta-feira pareciam provocar pressa aos visitantes do local. Mesmo que durante o dia, foi possível presenciar pessoas em situação de rua fazendo uso de substâncias ilícitas em duas oportunidades. Há de se supor que as sensações de insegurança e alerta constantes também provocassem essa urgência nas pessoas.

Quem perde são os lojistas, que não conseguem mais manter a atividade para além das 18 horas por conta do receio dos clientes em sair do empreendimento num Conic mais escuro e incerto do que quando entraram nas lojas. Como resultados, em razão das locações elevadas, devido à localização geográfica privilegiada, a queda de circulação interna e a decorrente queda das vendas decretaram a falência das lojas e o esvaziamento comercial do Conic.

Em cerca de duas horas de visita ao local, também foi possível presenciar o início das atividades da Biroasca, empreendimento que realiza eventos e festas dentro do Conic. A opinião dos lojistas quanto a presença da produtora de eventos é dividida. A grande maioria reclama do barulho e da sujeira gerada durante os eventos, mas há quem enxergue a atividade como importante para reformar a ideia que se tem do Conic. Ao final dos corredores nas imagens 9 e 10 chega-se a tenda instalada pela equipe da Biroasca, que deixa o ambiente ainda mais escuro, mesmo durante o dia, e o local, que já não tem lojas em funcionamento, se torna um espaço para a ocupação de pessoas em situação de rua, mesmo durante o dia. Ainda que para alguns a sua presença seja benéfica, as atividades da Biroasca parecem afastar a clientela de alguns empreendimentos.



#### 4.1.4. LEVANTAMENTO DE ATIVIDADES CULTURAIS DO SDS

Nos últimos anos os eventos no Conic, principalmente as festas, vêm adquirindo cada vez mais notoriedade na noite brasiliense, evidenciando com muita desenvoltura seu potencial de estabelecer-se como centro da expressão cultural e combatendo o estigma de um espaço a ser evitado ao anoitecer. As festas acontecem em vários pontos do SDS (figura 11) e, apesar de carregarem características distintas em relação a sonoridade, compartilham dos mesmos preceitos de inclusão, diversidade, liberdade de expressão e ocupação dos espaços urbanos. Essa seção traz uma breve descrição dos principais espaços onde as festas acontecem, assim como alguns dos produtos mais recentes de cada um deles.

Figura 11 - Locais de evento no Conic



Fonte: Victória Varela, 2023

#### 4.1.4.1. ESPAÇO GALLERIA

O Espaço Galleria (Figura 12) talvez seja o local de menor expressão entre os locais de evento do Conic hoje, porém é um marco importantíssimo para entender a trajetória vocacional do SDS no decorrer de sua história. Sua atividade antecede a de todos os outros espaços e representa também uma das características mais relevantes em todas as produções culturais que se materializam em suas dependências: o respeito à diversidade de gênero e à liberdade de expressão. Para compreender melhor essa história, faz-se necessário um resgate às raízes do Espaço Galleria, com a criação da boate New Aquarius.

Figura 12 - Entrada Espaço Galleria



Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)

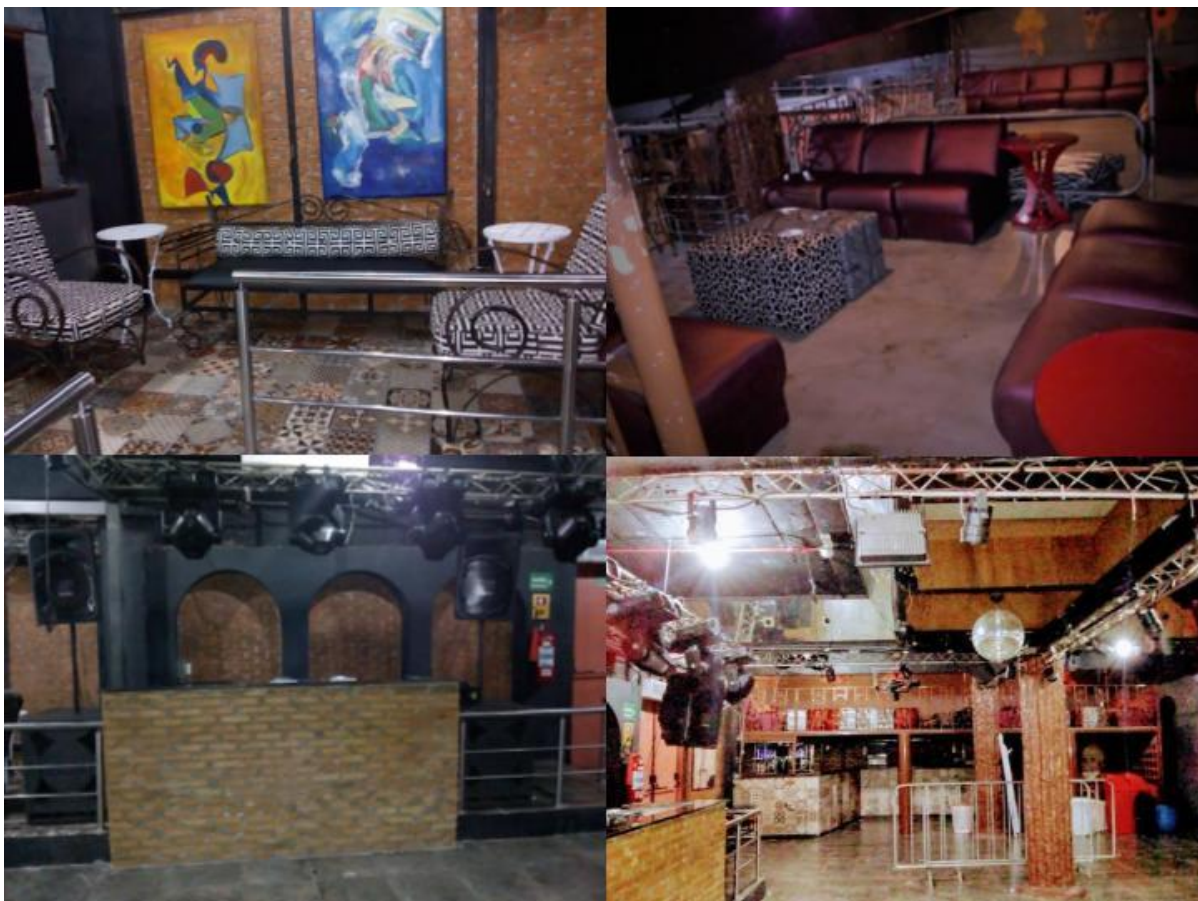
Oswaldo Gessner, idealizador da New Aquarius e proprietário do local desde então, criou a primeira boate gay numa galeria subterrânea do Conic com o objetivo de proporcionar um espaço seguro e de fácil acesso para essa população vulnerável em um período



complicado na história da capital federal, vivendo dias dramáticos na égide da ditadura militar.<sup>5</sup>

Localizada em um ponto estratégico da cidade, a Boate New Aquarius, inaugurada em 1970, logo se tornou um ponto de encontro para os amantes da vida noturna brasiliense. A casa contava com decorações temáticas em diferentes áreas, como lounges e camarotes, que refletiam estilos e tendências da época (Figura 13). Nas dependências do estabelecimento elementos como mobiliário moderno, cores vivas, um robusto jogo de luz, espelhos e objetos decorativos únicos, que contribuem para a atmosfera festiva e animada do local. Com uma programação variada e eclética, a boate atraía pessoas de diferentes idades e gostos musicais, promovendo experiências memoráveis.

Figura 13 - Interior do Espaço Galleria



Fonte: Google images, 2023<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Informação adquirida em conversa com Juliana Evah, produtora de eventos, fotógrafa e integrante do coletivo Hangover.

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=espa%C3%A7o+galleria+club&oq=espa%C3%A7o+galler&aqs=chrome.69i59l2j46i175i199i512j69i64j69i57j69i60j69i61l2.3053j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 14/06

Para exemplificar a diversidade de frequentadores do local, a plataforma Acha Brasília pontua que:

“O mais revolucionário é que o espaço abrigava, nas madrugadas de sexta e sábado, todo tipo de singularidade social, sexual, geracional e estética. [...] A escadaria funcionava como um portal para o maior underground da cidade. O lugar tornou-se reduto de travestis, diplomatas, michês, arquitetos, recrutas, roqueiros, afeminados, discretos e pais de família curiosos.” (ACHA, 2010).

Apesar da dificuldade em encontrar informações sobre o local, sabe-se que a casa de festas manteve uma programação que celebrava a diversidade por meio de shows, performances transformistas, concursos e festividades carnavalescas durante aproximadamente 20 anos (MAGGIO, 2019). Ainda segundo Sérgio Maggio, um fator determinante para o fim da New Aquarius foi a derradeira chegada do vírus HIV, mas é de se supor que outros empreendimentos tenham competido com este icônico espaço, de modo a acabar com a já fragilizada economia da casa durante esse período de insegurança para os seus frequentadores.

Hoje sob o nome de Espaço Galleria, o espaço deu lugar para festas muito relevantes na cena da música eletrônica brasiliense, como o tradicional 5uinto (pronuncia-se Quinto) e a Vapor, tiveram suas primeiras edições aqui. Atualmente, a casa de festas segue seu caminho entre altos e baixos, sem uma programação semanal e alocando seu espaço para realização dos projetos de outros produtores culturais e de eventos.

**Figura 14 - Festa “Jardim do Grave #2” no Espaço Galleria**



**Fonte: Juliana Santiago, 2022**

A maioria dos eventos é destinados à comunidade LGBT, mas corriqueiramente acontecem eventos de house e techno, como o “Jardim do Grave” representado na Figura 14.

#### 4.1.4.2. SUB DULCINA

No lado oposto à famosa fachada do Conic, encontra-se um dos pontos mais perigosos do SDS. Durante a noite o estacionamento externo do setor (figura 15) é um lugar isolado, quase inóspito, não fossem algumas pessoas em situação de rua ocupando o local. Existem relatos e mais relatos de assaltos, assédios, furtos e vários outros tipos de violência no subsolo e no estacionamento do local.

**Figura 15 -Estacionamento e entrada do Sub Dulcina**



**Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)**

O Sub Dulcina se estabeleceu como a primeira tentativa de resgate do Conic com um grande trabalho de revitalização em 2016. Tarcila Rezende (2016), redatora do Jornal Artefato, conta que a iniciativa só foi possível através da articulação entre a Fundação Brasileira de Teatro (FBT), instituição responsável pela manutenção do local, com uma produtora cultural encabeçada por Carlos Eduardo Guimarães, também conhecido como Kaká. Dessa parceria surgiu o projeto “Dulcina vive” (Figura 16), empreitada que se debruçou na reformulação espacial na Faculdade Dulcina de Moraes e que nos anos seguintes atingiu uma atuação muito maior, englobando o bloco do Setor de Diversões Sul como um todo.



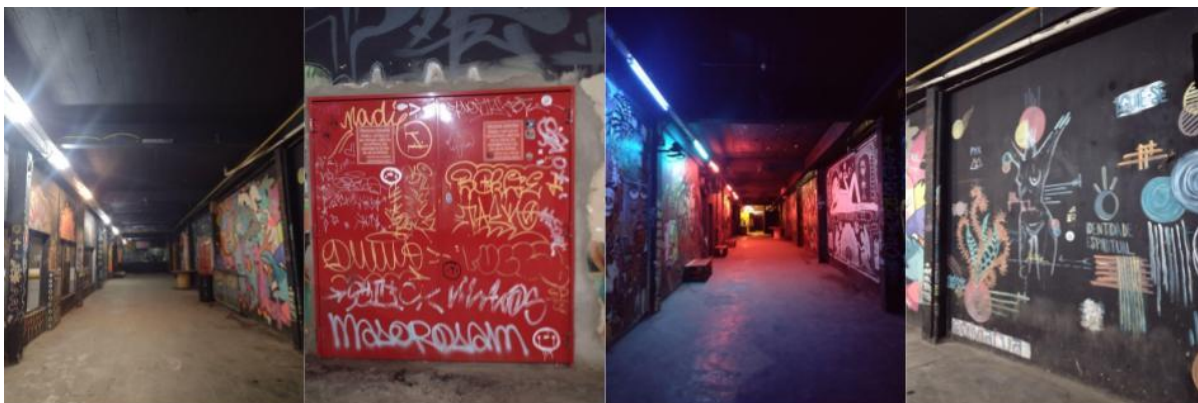
**Figura 16 - Grafite no Sub Dulcina escrito “Dulcina vive”**



**Fonte: Erick Freire, 2023**

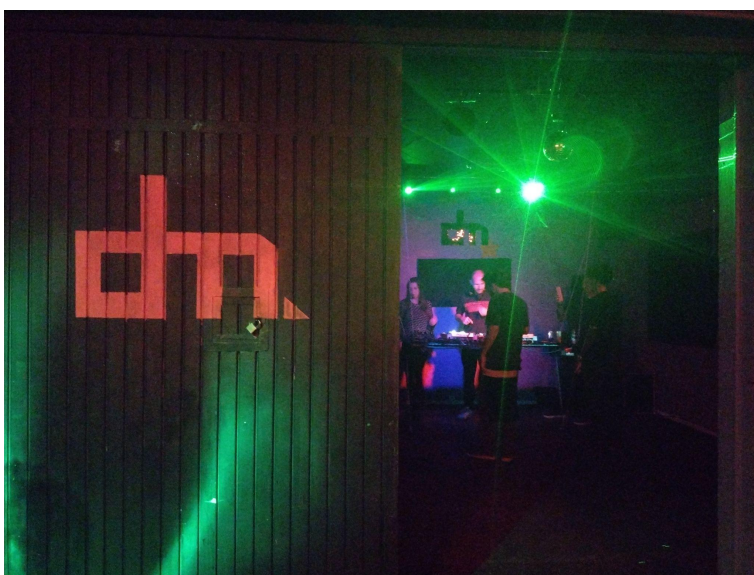
O subsolo do prédio acabou se tornando uma das primeira intervenções da produtora e, segunda Kaká, “Após pensarmos em toda a parte de adequação do local as normas e legislações vigentes, decidimos por limpar e pintar o lugar, e criar um conceito com a cara do Conic e da cultura alternativa da cidade” (REZENDE, T. 2016). Estabelecido o projeto, a revitalização proporcionada pelo projeto Sub Dulcina trouxe, em primeiro momento, grafites e obras importantes, além da oportunidade da promoção de eventos de música underground como fator promotor de ocupação. Kaká firmou ainda a responsabilidade de arcar com custos de energia, taxas e alvará para a produção destes eventos (REZENDE, T, 2016), viabilizando posteriormente outras produções que funcionam no mesmo sentido.

Em 2018 houve ainda um segundo trabalho de revitalização (Figura 17) no sentido de expandir a influência do Sub Dulcina para além da música e da dança. Em conversa com Luiza Garonce (2018), Kaká destaca o caráter multicultural que o espaço adquiriu. O produtor afirma que “[...] percebeu, ao longo desses dois anos, que muita gente vinha pra tirar foto nas festas, queria fazer ensaio fotográfico, tinha muita banda que vinha gravar clipe. Agora tem uma demanda grande por longas metragens” (GARONCE, 2018). Exposições, workshop, outras manifestações artísticas passam a acontecer no Sub Dulcina e uma economia mais pulsante passa a se estabelecer no local.

**Figura 17 - Interior do Sub Dulcina**

Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)

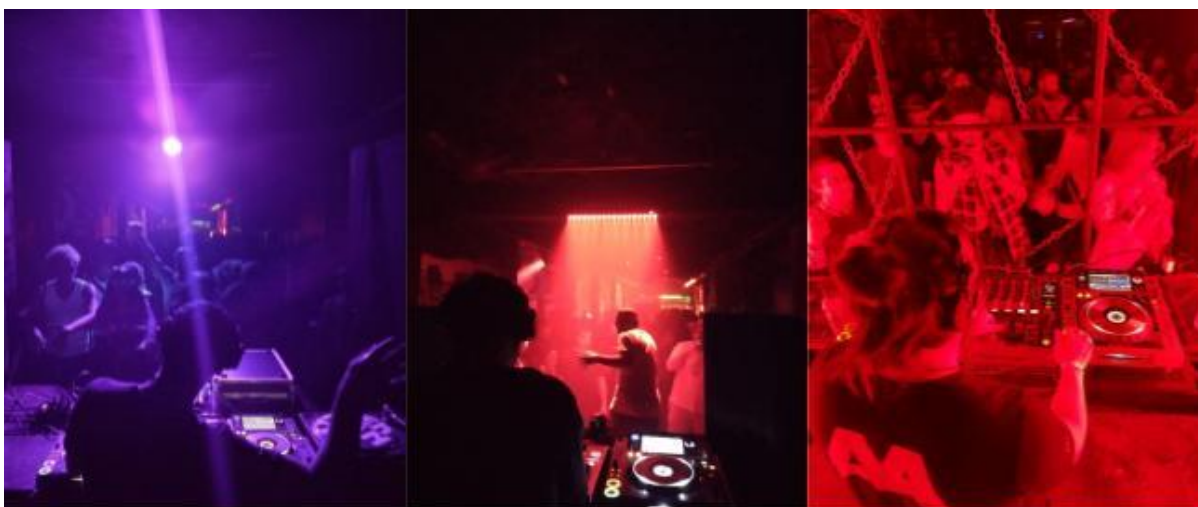
Com uma programação cada vez maior e mais abrangente, o projeto Dulcina vive, seu produto direto, Sub Dulcina, e a notável ocupação de um espaço abandonado tornaram-se símbolos e manifestações de resistência da cultura alternativa no DF. Eventos de música eletrônica acontecem semanalmente nos corredores do Sub e essa cultura está tão bem enraizada que até mesmo um estúdio está instalado por lá. A Dot Magazine (Figura 18) é um estúdio e escola para dj's que presta também serviços como aluguel de som e equipamentos para eventos. Além do mais, a Dot realiza seu evento semanal Dot Sessions, religiosamente às quinta-feiras. A proposta é fomentar a cena de música eletrônica underground, oportunizar aos dj's recém formados do estúdio suas primeiras pistas dança e agitar a noite da capital em um dia menos tradicional.

**Figura 18 - Evento “Dot Sessions” acontecendo no estúdio Dot Magazine**

Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)

Na figura 19 são vistos alguns exemplos de eventos que acontecem no Conic. Estes sozinhos representam apenas uma pequena parcela de todos os eventos que lá ocorrem. A atuação de Kaká como produtor cultural viabiliza a alocação do espaço para a produção de festas por parte de coletivos e outros produtores de eventos no Sub. É o caso do Coletivo Hangover, que já realizou eventos como A Drop Acid not Bombs, Santo Techno e Underground Crossover em suas dependências.

**Figura 19 - Eventos No Sub Dulcina**



Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)

Outros eventos como Trema, Haus it, Suinto, Vapor, Bunker 49, Furação 3000 e diversos outros também já passaram pelos corredores escuros do Sub Dulcina.

#### **4.1.4.3. BIROSCA E CHICÃO**

A Biroasca e o Chicão são dois bares localizados em pontos diferentes do Setor de Diversões Sul, mas que funcionam na mesma lógica. No decorrer da semana eles permanecem fechados e, com a chegada do final de semana, eles funcionam como ponto de entrada e controle para eventos que acontecem nos corredores mais largos do Conic. Além do mais, um dos proprietários dos dois estabelecimentos, Igor Albuquerque, sócio do produtor Kaká Guimarães, enxerga nos dois empreendimentos o poder de promover a reocupação e ressignificação da experiência noturna do local que foi destinado a ser o centro cultural de Brasília (ACHA, 2019; CÂNDIDO, 2021; e BERROGAIN, 2023).

A primeira loja à esquerda (Figura 20) marca a entrada dos eventos produzidos pela Biroasca e fica localizada na entrada central do SDS. Assim como no Sub Dulcina, há também um acordo para a realização dos eventos nos corredores do pavimento térreo do Conic.

**Figura 20 - Entrada da Biroasca**

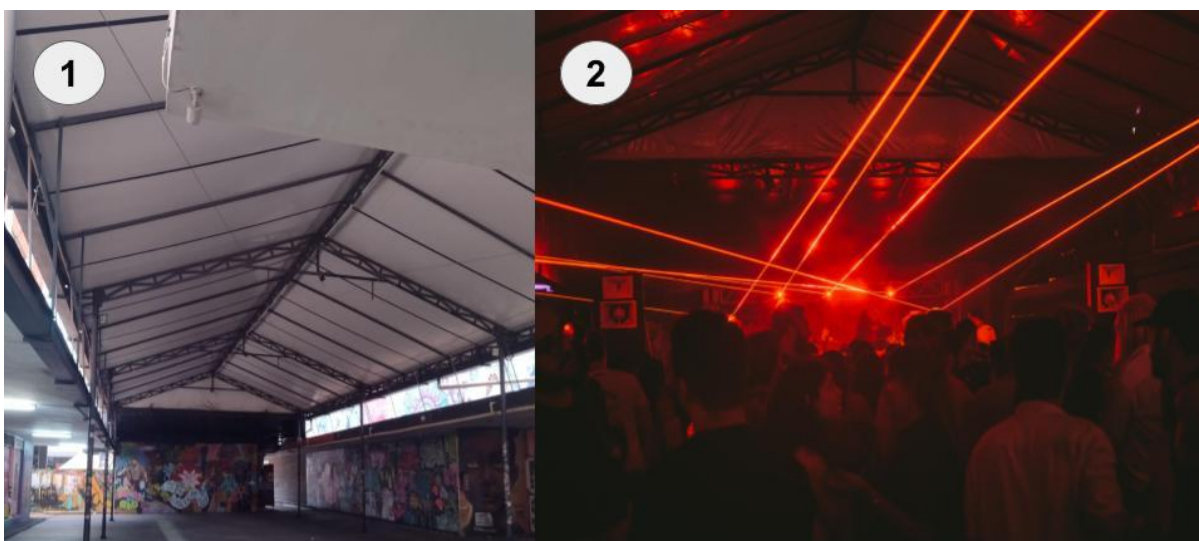


**Fonte: Acervo próprio, 2023 (Gustavo P. Martins)**

No fim do corredor da figura 20, ao virar a direita, depara-se com o corredor da imagem acima (Figura 21) onde se tem a tenda da Biroasca. Notam-se paredes marcadas pela arte urbana, que acaba se tornando símbolo de uma intervenção consciente de grupos que praticam esse tipo de manifestação artística. Durante a noite, o jogo de luz e os lasers compõem uma apresentação para além da música e proporciona uma experiência mais imersiva ao público das eventos.



**Figura 21 - Pista da Biroasca vazia e ocupada**



Fonte: Compilação do autor, 2023<sup>7</sup>

Dentre as propostas de evento da Biroasca, que provavelmente tem a maior variedade de opções quanto a gêneros musicais, as mais relevantes e atuais são as festas de música pop e funk, como as festas Porry, Renaissance, Fairy e várias outras. Particularmente aos domingos tem samba no evento Buraco do tatu e, apesar de ter recebido grandes atrações nacionais e internacionais da música eletrônica em festas como a Vapor, Traxx, Nice & Deadly, Balada em tempos de crise e Lust, as festas Filhos de Guetta e Dancer vêm se tornando uma das poucas destinadas ao público de house e techno, que vem sendo cada vez mais direcionadas para o subsolo.

O Chicão (Figura 22) é o mais recente dentre os três empreendimentos, sendo inaugurado em 2021. Apesar de ter sua trajetória inicial voltada para o funcionamento durante a semana, de fato funcionando como bar e restaurante, hoje, o Chicão funciona em lógica similar a da Biroasca. Igor Albuquerque esclarece que o nome é uma ironia ao termo “chique” e elucida que existe sim no Conic um lugar ao mesmo tempo sofisticado e acessível (QUEIROZ, 2021).

<sup>7</sup> Montagem feita a partir de foto de acervo próprio (1) e foto de divulgação do evento “Filhos de Guetta” por Technogamia (2) Disponível em: <[https://drive.google.com/drive/folders/1Twu\\_JnnyqOI6x-0MHna1RrLepWX5RCE](https://drive.google.com/drive/folders/1Twu_JnnyqOI6x-0MHna1RrLepWX5RCE)>. Acesso em 13 jun. 2023

Figura 22 - Chicão



Fonte: Página do Chicão no Facebook<sup>8</sup>

Na imagem acima (Figura 22) estava acontecendo o evento Samba Conic. O espaço abre apenas aos fins de semana e o grande destaque está na produção de eventos com a sonoridade voltada para latinidades, brasilidades e tropicalidades, destacando festas com muito reggaeton, dub, samba, forró, funk e muito mais (QUEIROZ, 2021; CÂNDIDO, 2021).

## 4.2. ANÁLISE DOS DADOS

Conforme o trabalho de Frutuoso (2013), essa etapa tem por objetivo interpretar as informações gerais dos participantes. Buscou-se contar com a participação de uma proporção aproximada de homens e mulheres, pessoas que trabalham e não trabalham no SDS e também a presença de pessoas travestis, não-binárias e transgênero, a fim de contemplar visões mais amplas no estudo. O tratamento das informações seguiu uma separação entre as informações do grupo do período diurno e do período noturno, cada um com 20 e 21 respostas, respectivamente.

A respeito do tamanho da amostra ou número de participantes abordados, foi estabelecido que a coleta de respostas de 20 pessoas seria suficiente para alcançar os objetivos

---

<sup>8</sup> Rodapé: Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=261502776394928&set=pb.100076056226251.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 16 jun. 2023

propostos neste trabalho. Essa escolha considerou o tempo disponível para a aplicação da pesquisa e a natureza do estudo. Além disso, foi decidido que a pesquisa será continuada em uma nova etapa, na pós-graduação, permitindo ampliar a amostra e aprofundar os resultados obtidos.

#### 4.2.1. Sobre os dados pessoais

A primeira etapa da pesquisa, apesar de unificar apenas informações básicas acerca de um fragmento da população que ocupa o Conic dia e noite, é fundamental para traçar linhas de raciocínio para interpretar dados posteriormente. Além disso, a própria observação cautelosa de dados primários pode informar muito mais sobre a relação do sujeito com o espaço do que se imagina. É fundamental lembrar que o ser-no-mundo e o mundo-vivido alicerçam a interação com o lugar e a atitude dos indivíduos para com o lugar e para com o mundo. A maioria das análises busca contrapor dados coletados durante o dia e durante a noite para gerar bases de comparação sobre as geograficidades e como elas variam no percorrer do dia.

Na tabela 1 foi atingido a mesma quantidade de homens e mulheres que trabalham no local, mas houve dificuldade para abordar e entrevistar mulheres com outro propósito para estar no SDS., No geral foi alegado como motivo a falta de tempo, mas é possível que o receio de estar no Conic crie a sensação de pressa e alerta. Nota-se que não houve presença nem de pessoas que se autodeclaram travesti ou não-binária. O homem que cita outro motivo afirmou acompanhar as atividades dos sindicatos presentes no Conic.

**Tabela 1 - Classificação por propósito da presença no Conic e gênero (Dia)**

<b>Propósito/Gênero</b>	<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>	<b>Não-binário</b>	<b>Travesti</b>	<b>Total</b>
Apenas transito aqui rumo a outros lugares	2	1	0	0	3
Lojas e/ou serviços	4	2	0	0	6
Outro motivo	1	0	0	0	1
Trabalho	5	5	0	0	10
Total	12	8	0	0	20

Em algumas análises mais adiante, foram aglutinados os propósitos “Apenas transito aqui rumo a outros lugares”, “Lojas e/ou serviços” e “Outro motivo” para compor um só parâmetro chamado “Não trabalha” para simplificar as análises.

Segundo informações da tabela 2, a proporção de mulheres trabalhando foi ligeiramente menor em relação aos homens. A participação de pessoas não-binárias e travestis representou quase um quarto do valor total, sendo que uma pessoa não-binária trabalha no local e, juntamente a uma mulher, que também trabalha no espaço, se autodeclararam transgênero, demonstrando os valores de inclusão e diversidade, já debatidos anteriormente.

**Tabela 2 - Classificação por propósito da presença no Conic e gênero (Noite)**

<b>Propósito/ Gênero</b>	<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>	<b>Não-binário</b>	<b>Travesti</b>	<b>Total</b>
Eventos	3	4	1	3	11
Trabalho	6	3	1		10
Total	9	7	2	3	21

Na tabela 3 observa-se que as médias de idade são relativamente baixas e próximas entre o grupo do dia e da noite, expondo um ambiente de circulação muito propício para os jovens. Elaborar estratégias para estabelecer um ambiente destinado a esse grupo pode favorecer uma ocupação mais eficiente, como já é visto durante as noites dos fins de semana. Os dois indivíduos acima dos 44 anos se declararam produtores de evento no decorrer da entrevista e são figuras assíduas das noites no Conic.

**Tabela 3 - Grupos etários**

<b>Varição de idade</b>	<b>Número de pessoas (dia)</b>	<b>Número de pessoas (noite)</b>
19-23	3	1
24-28	5	10
29-33	8	6
34-38	3	2
39-43	1	0
44-48	0	2

No geral não foi identificada nenhuma discrepância alarmante no que tange o nível de acesso à educação de acordo com a tabela 4. A baixa média de idade corrobora a noção de que parte do público ainda se encontra no curso de graduação. É possível inferir que as vias de acesso à informação são as mesmas e a capacidade de percepção e interpretação do espaço sejam bem claras.

**Tabela 4 - Nível de escolaridade por grupo do dia e da noite**

<b>Período/ Ensino</b>	<b>Ensino Médio - Completo</b>	<b>Ensino Superior - Incompleto</b>	<b>Ensino Superior - Completo</b>	<b>Total</b>
<b>Dia</b>	5	8	7	20
<b>Noite</b>	2	8	11	21
<b>Total</b>	7	16	18	41

As informações da tabela 5 apontam que a diversidade de Regiões Administrativas e cidades situadas em todas as direções ao redor de Brasília e inclusive no entorno evidenciam a o potencial do SDS, com muito a ser explorado mediante ações assertivas que enriqueçam a vivência no lugar e a promovam atividades que ultrapassem o propósito dos indivíduos de apenas passar pelo local ou visitar as lojas de interesse. A expansão e melhoria das modalidades de transporte público também são fundamentais para a articulação de um projeto neste sentido.

**Tabela 5 - Classificação por local de moradia e propósito da presença no Conic (dia)**

<b>Bairro/Propósito</b>	<b>Apenas transito aqui rumo a outros lugares</b>	<b>Lojas e/ou serviços</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Total</b>
<b>Águas Claras</b>	1	2	0	3
<b>Ceilândia</b>	0	0	2	2
<b>Jardim Mangueiral</b>	0	0	2	2
<b>Lago Norte</b>	0	1	0	1
<b>Jardim Ingá - GO</b>	1	0	0	1
<b>Paranoá</b>	0	0	1	1
<b>Plano Piloto</b>	0	2	0	2
<b>Santa Maria</b>	0	0	2	2
<b>Sobradinho I/Sobradinho II</b>	0	0	1	1
<b>Taguatinga</b>	1	1	2	4
<b>Vicente Pires</b>	0	1	0	1
<b>Total</b>	3	7	10	20

Na tabela 6 chama a atenção a disparidade entre as pessoas de fora do Plano Piloto em eventos no Conic em relação às pessoas que vivem na capital. A destoante proporção de 10 pessoas que residem fora do Plano Piloto para apenas 1 que mora dentro, reafirma a vocação do SDS para o comércio e para o lazer em razão da facilidade de acesso.

**Tabela 6 - Classificação por local de moradia e propósito da presença no Conic (Noite)**

<b>Rótulos de Linha</b>	<b>Eventos</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Total</b>
<b>Águas Claras</b>	2	0	2
<b>Guará</b>	3	3	5
<b>Luziânia - GO</b>	1	0	1
<b>Plano Piloto</b>	1	5	6
<b>Riacho Fundo/Riacho Fundo II</b>	2	0	2
<b>Samambaia</b>	0	1	1
<b>Taguatinga</b>	1	1	2
<b>Cidade Ocidental - GO</b>	1	0	1
<b>Total</b>	11	10	21

Um olhar mais atento na tabela 7 nos indica ainda uma particularidade muito interessante sobre aqueles que atendem aos eventos do SDS. 6 entre 11 pessoas se utilizam de metrô, ônibus ou ainda uma possível combinação dos dois, para ir e voltar do Conic. Ao menos no que tange o funcionamento do metrô, a pessoa que se utiliza apenas dessa modalidade de transporte e vai a um evento no Conic está se propondo a retornar para casa apenas com a sua abertura no dia seguinte, no mínimo às 6 horas da manhã. A depender do destino, o mesmo acontece para quem vai de ônibus. Para estas pessoas, a geograficidade e a topofilia se enraizaram de tal forma que sentimentos de identidade e pertencimento marcam suas trocas com o meio.

**Tabela 7 - Classificação por propósito da presença e meio de transporte (noite)**

Propósito/Meio de transporte	Aplicativo de carona	Carro	Metrô	Ônibus	Total:
Eventos	2	3	3	3	11
Trabalho	2	3	4	1	10
Total geral	4	6	7	4	21

Na tabela 8 temos a distribuição dos trabalhadores do dia e da noite em relação à sua frequência semanal. Essa pergunta foi estruturada no intuito de compreender a relação de trabalho dos empregados na noite do Conic. A delimitação de frequência maior que 3 dias considera a dinâmica de produção de eventos, com atividade concentrada na sexta-feira, sábado e domingo. Desta forma, 8 pessoas nesta pesquisa trabalham diretamente com os eventos, atuando no Conic numa frequência menor ou igual a 3 dias por semana.

Na contramão dessa análise, as estatísticas apontam para vínculos empregatícios mais sólidos para os trabalhadores do turno diurno.

**Tabela 8 - Frequência semanal maior que 3 dias entre aqueles que trabalham no Conic considerando dia e noite**

Questão 7	dia	noite	Trabalho Total
Sim	9	2	11
Não	1	8	9
<b>Total Geral</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

Numa lógica similar a da tabela anterior, na tabela 9, investiga-se a frequência mensal das pessoas que não trabalham no Conic, tanto para o dia quanto para a noite. Observe que, durante o dia, 6 pessoas têm sua frequência de visitas ao SDS estabelecida em uma vez ou menos. Essa informação destaca o Conic como um espaço com pouco potencial de magnetismo no cotidiano. Já no turno da noite a interpretação se volta para o único momento de agitação na semana do Setor de Diversões Sul. Existe um compromisso maior com o Conic na vivência da noite em comparação com o dia, visto apenas dentro da função comercial, de consumo rápido e pouco recorrente.



**Tabela 9 - Frequência mensal dos que não trabalham X Dia e Noite**

Respostas	Dia	Noite	Total
Menos de 1 vez	4	1	4
Ao menos uma vez	2	4	6
Entre uma e duas vezes	4	4	8
Mais de duas vezes		2	2
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>21</b>

#### 4.2.2. Sobre Geograficidade, materialidade e subjetividade

Partindo para análises mais elaboradas, na segunda etapa aprofundam-se as correlações entre a subjetividade com a experiência declarada dos participantes nas dependências do Conic. O tratamento dos dados a seguir estarão sempre alinhados à estatística e inferências da etapa anterior, objetivando atingir conclusões mais concisas quanto ao que há de diferente e de comum na vivência diurna e noturna do Conic.

Quanto ao significado do “regular” para esta análise, seguindo a convenção estabelecida no tópico 4, entende-se das informações da tabela acima uma cisão quase perfeita no que tange o valor da experiência diurna dos frequentadores. O termo “regular” é tido aqui como um estado de ponderação e iminente mudança de uma experiência boa para uma experiência ruim, restando apenas que algo aconteça para sacramentar uma visão negativa do local. Numa somatória entre as pessoas que têm experiências “excelente” e “boa”, alcançou-se o mesmo número da somatória entre “regular” e “ruim”.

Em suma, de acordo com a tabela 11, o que se tem é um espaço de opiniões divididas. Infelizmente, a quantidade de homens participando da pesquisa diurna é maior, dificultando outras deduções e inferências.

**Tabela 10 - Questão 9 - Qualidade da experiência em relação por gênero (dia)**

Gênero/qualidade da experiência - dia	Excelente	Boa	Regular	Ruim	Total
Homem	2	5	4	1	12
Mulher	1	2	4	1	8
<b>Total Geral</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>20</b>

Diferente da tabela anterior, na tabela 11 o panorama mudou drasticamente. Além de não conter experiências “ruins”, a somatória de experiências positivas é maior que o dobro das regulares relatadas no levantamento. Homens foram mais categóricos ao marcar “excelente” um número maior de vezes (4), mas nota-se também que mulher alguma contribuiu com uma percepção negativa, o que sugere um ambiente mais seguro e acolhedor.

Entre pessoas não binárias e travestis, somando 5 participações na pesquisa, apenas duas atribuem valores positivos a sua vivência no espaço. Apesar dos eventos serem receptivos e pregarem a pluralidade dos corpos, estes, ainda hoje, são dois grupos muito marginalizados. Uma amostragem maior poderia dar luz a uma interpretação diferente, mas políticas e ações

inclusivas precisam ser pensadas e repensadas. A exemplo de medidas inclusivas, uma que vem se tornando cada dia mais comum é a chamada Lista T, que garante acesso gratuito a eventos para pessoas transgênero, travesti e não-binário em eventos, por vezes até mesmo sem pegar fila.

**Tabela 11 - Questão 9 - Qualidade da experiência em relação a identidade de gênero (noite)**

<b>Gênero/Qualidade da experiência - noite</b>	Excelente	Boa	Regular	Ruim	Total
Homem	4	2	3	0	9
Mulher	2	5		0	7
Não-binário	1		1	0	2
Travesti		1	2	0	3
<b>Total Geral</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>21</b>

Se faz importante informar que no tratamento das informações das questões 10 e 11 foi necessário enxugar a quantidade de respostas, visto que muitas vezes as respostas diferiam em termos mas tratavam do mesmo aspecto. Como exemplo, na tabela 12, toma-se as palavras “pluralidade”, “inclusão”, e “liberdade”. Todas foram utilizadas no sentido de descrever um espaço aberto para a livre expressão, independente de gênero, orientação sexual, raça, ou classe social. Outras como comércio abarcam toda a gama de lojas, serviços, produtos e atividades comerciais afins. Houveram ainda entrevistados que atribuíram aspecto multicultural por termos genéricos como “alternativo, diverso” e outros por uma subjetividade muito mais presente, referindo-se ao Conic como um “rolê antropológico”.

**Tabela 12 - Questão 11: O que você mais gosta no SDS por período (dia e noite)**

6 - O que você mais gosta no SDS?	Dia	Noite	Total geral
A memória histórica	1	1	2
Arte urbana e arquitetura	1		1
As pessoas com quem trabalho	1		1
Centralidade		2	2
Comércio	7		7
Eventos	2	4	6
Fácil acesso		2	2
Multicultural	2	5	7
Multifuncional	2	2	4
Nada	1	1	2
O ambiente de caos controlado.		1	1
O espaço é legal	2		2
Pluralidade/Inclusão/Liberdade	1	3	4
Total geral	20	21	41

Segmentando as respostas descritas na tabela 12, da genérica à particular, houve quem não enxergava nada de bom ou relevante o suficiente para dizer sobre o espaço e duas pessoas encontraram tudo o que precisavam transmitir através de sentenças que colocam o SDS como um “espaço legal”. Um trabalhador atribui aos colegas de trabalho o ponto mais agradável das suas experiências no Conic. Por fim, foi realizada uma contribuição para defender o setor com seu traço mais digno de nota sendo o de um “ambiente de caos controlado”, e que, na realidade, não deixa de ser uma verdade, agora que já foram identificadas as inconsistências na sua materialidade e os diversos significados que o lugar agrega.

Partindo para a análise, durante o dia o comércio é o marco físico e subjetivo para a maioria dos frequentadores, o que na verdade reflete muito das observações já feitas anteriormente. A ambiência da manhã, criada pela correria do dia-a-dia, a indistinguível paisagem do abandono, escancarada pela luz do sol, e a letargia cultural, que vêm com todo alvorecer, colocam o Conic da manhã numa posição de mero consumo. Aspectos como a arte urbana, a arquitetura e a memória histórica tomam alguns olhares, mas nada que propicie o devido resgate.

Durante a noite as interações e a visão do lugar é notadamente mais ampla. “Centralidade” e “fácil acesso” poderiam muito bem juntar-se num só termo, mas uní-los traria consigo perdas à reflexão. O fácil acesso diz respeito à mobilidade, à posição privilegiada e ao repertório numeroso de meios de chegar ao Conic e, a centralidade, por sua vez, exprime magnetismo, protagonismo. É de fato esperado que o fácil acesso seja característica do lugar que exprime centralidade, o que é verdade para o Conic, mas o ponto de vista de cada participante quanto à seleção do traço de maior apreço não segue essa lógica necessariamente.

“Os eventos”, o propósito mais sugerido entre os entrevistados da noite do Conic, inevitavelmente alavancam outros. O traço multicultural e multifuncional não poderia ser melhor representado do que pela promoção de festas que partilham dessa visão e, como já discutido, ao fazer o levantamento dos espaços de evento no tópico 4.1.4, é impossível não levantar a resistência de grupos historicamente oprimidos, que lutaram e ainda lutam pelo direito de ser quem se é. Um dos entrevistados afirmou em sua resposta que uma das maiores satisfações de viver o SDS é “o fato do local ser frequentado principalmente por pessoas progressistas e fora do padrão”<sup>9</sup>. A liberdade de expressão é talvez um dos símbolos imateriais mais marcantes da geograficidade do Conic, ao menos entre as sextas e domingos.

---

<sup>9</sup> Depoimento adquirido no decorrer da conversa com um dos entrevistados.

Partindo novamente da observação do genérico ao particular, mais uma vez encontramos, agora na tabela 13, colocações que transmitem pouca engajamento do indivíduo com a experiência do lugar ou colocações brandas, pouco específicas.

**Tabela 13 - Questão 12: O que você menos gosta no Conic por período (dia e noite)**

7 - O que você menos gosta no SDS?	Dia	Noite	Total geral
A energia do entorno.		1	1
Barulho	1		1
Custo elevado ao sair a noite		1	1
Falta de banheiros		1	1
Falta de estacionamento	1		1
Insegurança/Violência	6	12	18
Locais abandonados	3	2	5
Lojas vazias	1		1
Má gestão do espaço	2	2	4
Muitas coisas que não são corretas	1		1
Nada	1		1
Perdeu a graça		1	1
Sujeira	1		1
Usuários de drogas	3	1	4
Total geral	20	21	41

Apesar de entender uma insatisfação geral quando se fala que “muitas coisas que não são corretas” acontecem no espaço, isso não dá profundidade ao posicionamento do respondente. Remontando sua participação no questionário, a qualidade de sua experiência no espaço é regular e a melhor parte de tudo isso são seus colegas de trabalho. O que essas respostas parecem sugerir é que esse respondente em particular tem uma relação de indiferença com o Conic. Como ele trabalha no local, as coisas que não são corretas são entendidas como parte da experiência cotidiana que ele tem que atravessar para garantir seu sustento.

“Perdeu a graça” aparece apenas uma vez nesta lista e apresenta uma pessoa que já foi mais comprometida à visita. Numa observação mais aprofundada, essa mesma pessoa, entrevistada no período da noite e presente no dia em razão de um evento, afirmou na questão anterior que não vê nada de bom no Conic. Essa estatística, junto a do parágrafo acima, nos traz a lembrança que o ser humano é, sobretudo, um ser simbólico e, desta forma, assim como as relações amorosas, pessoais e profissionais começam, esfriam, se enrijecem e terminam, o mesmo pode acontecer nas relações que se estabelecem com os lugares.

O barulho foi reclamação de uma lojista, que pontua um verdadeiro desafio em garantir conforto às clientes do seu salão de beleza quando se aproxima do horário das 18 horas nas sextas e fins de semana. A produção dos eventos da Biroasca começam no fim da tarde e a passagem de som, testes de equipamentos e a circulação de pessoal nas proximidades do salão geram muito desconforto. Aparentemente essa é uma realidade para outras lojas posicionadas nas proximidades da Biroasca também.

Contrapondo as respostas do dia e da noite, observa-se uma relação inversa à identificada na questão 10. As respostas dos frequentadores do dia encontram-se mais distribuídas em relação às respostas da noite. É interessante notar que as respostas à questão 11, no geral, estão atreladas à propriedade física ou a interações humanas negativas. Ao comparar com a questão anterior foram observadas muitas respostas direcionadas à imaterialidade, o que sugere facilidade do frequentador de se apegar a ideias ou símbolos e, na mesma medida, ancorar valores negativos em traços físicos do espaço.

Dia ou noite, a falta de segurança e violência foi o ponto mais levantado pelos frequentadores, 6 durante o dia e 12 à noite. Falta de estacionamento, lojas vazias e sujeira são pontos levantados apenas durante o dia que pautam desafios particulares para quem trabalha no local, pois são pontos que afastam quem faz o uso rápido do espaço. Os locais abandonados e a presença dos usuários de drogas somam-se à experiência do visitante de forma a consolidar aspectos negativos ao visitar o local pela primeira vez. Aqueles que pontuaram a má gestão como resposta à questão 11 provavelmente vivem ou acompanham os desdobramentos de processos judiciais e o gradual sucateamento da área a muito tempo.

Como único traço subjetivo levantado na questão 11, “a energia do entorno” sugere que o espaço, para esta pessoa, é marcado pelas experiências negativas de outras pessoas no decorrer do tempo, trazendo consigo uma carga emocional e o peso da memória na composição de uma imaterialidade densa e negativa. Vale ressaltar que esse aspecto é relevado pela respondente uma vez que sua resposta a qualidade da experiência foi “boa”.

Considerando isoladamente os resultados da noite, a centralização das respostas na questão da insegurança e violência é um indicador da falta de policiamento no local e nas suas redondezas nas horas mais vulneráveis do dia. São frequentes os relatos e histórias de assaltos, furtos e assédio entre aqueles que saem tarde da noite dos eventos do Conic. A falta de banheiros do lado de fora dos eventos é pontuada com muita razão. No estacionamento superior os espaços entre carros são utilizados como banheiros com regularidade. Juntamente a sujeira, os locais abandonados, a falta de iluminação, de estrutura, o mal-cheiro, e a ambiência dos eventos, a *Ruin Porn* toma forma.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do levantamento de informações, bibliografias, notícias, questionários, da visita prolongada e da análise de dados, pode-se afirmar que os objetivos, gerais e particulares, desta pesquisa foram atingidos. Na finalidade de responder a pergunta orientadora deste projeto, foram traçados dois objetivos gerais: 1 - Compreender e analisar como a mudança na função do espaço geográfico do Setor de Diversões Sul (SDS) modifica seus significados; 2 - Explorar as ações culturais que foram tomadas como ferramentas de transformação simbólica dos espaços em questão.

O Setor de Diversões Sul foi um espaço pensado e destinado ao lazer. Ele carrega em seu nome essa função, essa responsabilidade. O Conic, por diversas razões aqui levantadas, não vinha sendo capaz de cumprir com sua função e, aliás, um dos resultados da análise de dados sugere que sua função passou a ser comercial apenas. Uma vez que adaptações no espaço acontecem e ele adquire outra forma de uso, este espaço do abandono, através da ambiência, passa a atingir o seu potencial original.

A consistência na realização de eventos e práticas culturais, mesmo que apenas ao fim de semana, representam o vetor de mudança de uso do espaço, que alinhados com as aplicações sensoriais adequadas como o anoitecer, a música, a performance artística, os jogos de luz, o ambiente adequado para a boemia e o hedonismo e todo o simbolismo da contracultura e do empoderamento social, concretizam a função direcionada ao Conic.

A atuação da Fundação Brasileira de Teatro, principalmente no que tange a viabilização das atividades da Biroasca, do Chicão e do Sub Dulcina, foi fundamental para que medidas e estratégias de transformação do espaço acontecessem. A revitalização do Sub Dulcina, a inserção e valorização da arte urbana com o trabalho de diversos grafiteiros e a



ocupação urbana durante a noite, através da produção de eventos acessíveis e inclusivos, foi fundamental para que mais pessoas fossem convidadas a viver a noite do Conic.

O primeiro objetivo particular previa o levantamento histórico do Conic para identificar os marcos de sua transformação material, marcados pela precarização e marginalização. Essa etapa foi importante para compreender o tipo de visão que foi construída no decorrer do tempo e as visitas exploratórias foram fundamentais para reconhecer os traços físicos que compõem a geograficidade do local e dos frequentadores.

A realização das visitas aliadas à coleta de informação dos frequentadores por meio do questionário complementam a realização do segundo objetivo particular, que trata de apreender os significados que permeiam a transformação que acontece hoje. Igualmente material e imaterial, essa transformação está baseada na dualidade, uma vez que estão atribuídas no Conic duas funções distintas. A visão do grupo diurno de frequentadores em relação a do grupo noturno sugere que as medidas tomadas para o Conic não favorecem a experiência do espaço nos dois momentos do dia. Essa singularidade faz do Conic um espaço ímpar, dotado de um ciclo circadiano próprio, onde o uso diurno do local nada tem a ver como o uso e a experiência noturna, corroborando, assim, a hipótese de que o Conic se comporta como um espaço com duas funções distintas, variando de acordo com o horário e dia da semana através da alteração do uso e da ambiência do lugar.

Por fim, foram apresentados os agentes e produtos (eventos) da cultura noturna do SDS. Mais uma vez o levantamento de informações históricas foi essencial para compreender o simbolismo da realização de eventos no SDS como um ato político de resistência de grupos marginalizados no DF.

É sabido que diversos outros assuntos e áreas do conhecimento possuem grandes contribuições para o debate realizado nestas páginas. Temas como a economia criativa, empreendedorismo, direito à cidade, preservação e revitalização patrimonial, paisagismo, políticas públicas de acesso à cultura e muitas outras. Ainda que resultados esclarecedores sobre a geograficidade do Conic e de seus frequentadores durante o dia e durante a noite tenham sido alcançados, por se tratar de um trabalho de graduação, o tempo de realização desta pesquisa pode não viabilizar que outras conclusões sejam apreendidas. Neste sentido, espera-se que esse trabalho subsidie a elaboração de outros mais, tanto no que tange o Setor de Diversões Sul, como no fenômeno da geograficidade e o uso dos espaços do abandono e em ruínas.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ACHA, Renato. A lendária boate New Aquarius ganha revival nesta quinta com os DJs Isn't, Lulu Praxedes, Alfredo Anachuri e La Rubia. 1 fev. de 2017. Disponível em: <<http://www.achabrasilia.com/new-aquarius/>> Acesso em: 14/06/2023

ACHA, Renato. Setor de Diversões Sul ganha a Biroasca, um misto de bar e balada com funcionamento até mais tarde. 29 mar. 2019. Disponível em: <<http://www.achabrasilia.com/birosca/>>. Acesso em 13 jun. 2023

ALMINO, João. O mito de Brasília e a literatura . Estudos Avançados, [S. l.], v. 21, n. 59, p. 299-308, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10224>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

ALVES, Rahyan de Carvalho O NÃO-LUGAR E AS PAISAGENS DO MEDO: NUANCES TOPOFÓBICAS. . Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 4, n.1, p 70 - 82. Janeiro/Junho. 2014.

AUN, Eduarda; ANDRADE, Liza. O avesso de Brasília ao avesso: táticas de intervenções no Conic. In: Anais 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 1., Porto Alegre, EDIPUCRS, 1 jan. 2015a Disponível em: <[AUN, Eduarda. Guia de bolso do Conic. Issuu. 10 de jul. de 2015b. Disponível em: <\[https://issuu.com/eduardaun/docs/guia\\\_de\\\_bolso\]\(https://issuu.com/eduardaun/docs/guia\_de\_bolso\)> Acesso em: 3 jun. 2023](https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=+O+avesso+de+Bras%C3%ADlia+ao+avesso%3A+t%C3%A1ticas+de+interven%C3%A7%C3%B5es+no+Conic&btnG=> Acesso em: 3 jun. 2023</a></p></div><div data-bbox=)

BEARD, Mary. Pompeia: A vida de uma cidade romana. Tradução: Cristina Cavalcanti; Revisão técnica: Paloma Roriz Espínola. 1ª ed: Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

BESTETTI, M. L. T.. Ambiência: espaço físico e comportamento. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 17, n. 3, p. 601–610, jul. 2014.

BERROGAIN, Isabela. Quais são os points de Brasília? Conheça locais onde várias tribos se encontram. 21 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/04/5087892-quais-sao-os-points-de-brasil-ia-conheca-locais-onde-varias-tribos-se-encontram.html>>. Acesso em 13 jun. 2023

CÂNDIDO, Júlia. Novo bar do Conic, Chicão inaugura neste sábado com presença de BNegão. 22 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/10/4957356-novo-bar-do-conic-chicao-inaugura-neste-sabado-com-presenca-de-bnegao.html>>. Acesso em: 14 jun. 2023

CISOTTO, Mariana Ferreira. (2013). Sobre Topofilia, de Yi-Fu Tuan. *Geograficidade*, 3(2), 94-97. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/geograficidade2013.32.a12868>> Acesso em: 29 mai. 2023

COSGROVE, Denis. Social formation and symbolic landscape. Madison: The University of Wisconsin Press. London, England. 1995.

DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Eric Dardel: a construção de uma nova ontologia da Geografia como ciência existencial. *Revista da Anpege*, São Gonçalo, RJ, v. 11, n. 16, p. 173-200, jul./dez. 2015

DAVIM, David Emanuel Madeira. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 249-252, dez. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000200020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200020&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em: 31 mai. 2023.

FREITAS, Conceição. Conic, um labirinto de cultura jovem no centro urbano de Brasília. 21 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/conic-um-labirinto-de-cultura-jovem-no-centro-urbano-de-brasil-ia>> Acesso em: 03 jun. 2023

FRUTUOSO, Tomé de. Pádua. A geograficidade dos frequentadores e não frequentadores do SDS CONIC, DF. 2013. 63 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília.

GARONCE, Luiza. Subsolo do Teatro Dulcina de Moraes vira expositor de arte urbana em Brasília. 1 jun. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/subsolo-do-teatro-dulcina-de-moraes-vira-expositor-de-arte-urbana-em-brasilia.ghtml>>. Acesso em: 15 jun 2023

MAGGIO, Sérgio. Primeira boate gay do DF New Aquarius vive no imaginário brasileiro.

26 jan. 2019. Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/tipo-assim/primeira-boate-gay-do-df-new-aquarius-vive-no-imaginario-brasiliense>> Acesso em: 14 jun. 2023

MALANSKI, Lawrence Mayer. Éric Dardel - O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Terr@ Plural, Ponta Grossa-PR. V.9, n.1, p. 135-142, jan/jun. 2015

MARTÍ, Silas. Territórios de exceção: resistência e hedonismo em ruínas urbanas. 2017. 298 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MENEGUELLO, Cristina. Da construção das ruínas: fragmentos e criação do passado histórico. In: Simpósio Nacional de História, 22., João Pessoa, 2003. Anais [...]. João Pessoa: ANPUH, 2003.

PÁDUA, Rafael Faleiros. Implicações socioespaciais da desindustrialização e reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

QUEIROZ, Beatriz. Dos mesmos donos da Biroasca, bar Chicão abre as portas no Conic no dia 23. 17 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/gastronomia/beber/dos-mesmos-donos-da-birosca-bar-chicao-a-bre-as-portas-no-conic-no-dia-23>>. Acesso em 14 jun. 2023

RELPH, Edward. C. As bases fenomenológicas da geografia In Geografia, v. 4, n. 7, AGETEO, Rio Claro, São Paulo, 1979.

REZENDE, Rogério. Centro de Brasília: projeto e reconfiguração: o caso do Setor de Diversões de Brasília - Conic. Brasília. 2014. 133 f. il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília.

REZENDE, Tarcila. A noite do Dulcina. 11 nov. 2016. Disponível em: <<https://artefatojornal.wordpress.com/2016/11/11/a-noite-do-dulcina/>> Acesso em: 15 jun. 2023

SILVA, José Ronaldo Sousa Kizam da. Setor de diversões, uma tristeza: o papel construtivo da mídia no processo de marginalização e decadência do setor de diversões sul. 2020. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SIMMEL, Georg. Two essays: The handle, and the ruin. Hudson Review, v.11, n.3, p.371-385, 1958.

TUAN, Yi-Fu. Paisagens do medo. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. [1979]

TUAN, Yi-Fu. Topofilia – um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Difel (Trad. Livia de Oliveira). 1980.

UHLENDORFF, Lisa. EDITORIAL | COMO A RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA ESTRUTURA INDUSTRIAL FORTALECE A CENA ELETRÔNICA? 20 out. 2021. Disponível em: <<https://alataj.com.br/editorial/ressignificacao-estrutura-industrial-fortalece-a-cena-eletronica>> Acesso em : 27 jun. 2023.

VÂGENE, Â.J., HERBIG, A., CAMPANA, M.G. *et al.* *Salmonella enterica* genomes from victims of a major sixteenth-century epidemic in Mexico. *Nat Ecol Evol* 2, 520–528 (2018).

## 7. ANEXOS

### Sobre informações gerais

1- Ano de nascimento:

2 - Com que gênero você se identifica?

Homem  Mulher  Travesti  Não-binário  prefiro não declarar

3 - Você se considera uma pessoa transgênero?

Sim  Não  Prefiro não declarar

4 - Grau de escolaridade?

5 - Em que cidade ou região administrativa você mora?

6 - Motivo de estar no SDS?

Evento  Trabalho  Turismo  Uso como acesso  Resguardo-me aqui

Outro? Qual?

7 - Caso você trabalhe no SDS, essa frequência é maior que 3 vezes na semana?

Sim  Não

8 - Caso não trabalhe no SDS, a frequência de visitação é de quantas vezes ao mês?

No máximo uma vez  Ao menos uma vez  Entre uma e duas vezes

Mais de duas vezes  Não se aplica

### Sobre geograficidade

9 - Quando você está no SDS sua experiência é:

Excelente  Boa  Regular  Ruim

10 - O que você mais gosta no SDS?

11 - O que você menos gosta no SDS?